
“Do Pacífico ao Atlântico pela parte mais larga do continente”

Geopolítica, cartografia, diplomacia e detalhes desconhecidos das explorações no rio Putumayo/Içá e das viagens amazônicas de Rafael Reyes (1874-1884)

“Del Pacífico al Atlántico por la parte más ancha del continente”: Geopolítica, cartografía, diplomacia y detalles desconocidos de las exploraciones en el río Putumayo/Içá y de los viajes amazónicos de Rafael Reyes (1874-1884)

“From the Pacific to the Atlantic across the widest part of the continent”: Geopolitics, cartography, diplomacy and unknown details of Rafael Reyes’ explorations on the Putumayo/Içá River and travels in the Amazon region (1874-1884)

« Du Pacifique à l’Atlantique à travers la partie la plus large du continent » : Géopolitique, cartographie, diplomatie et détails inconnus des explorations de Rafael Reyes sur le fleuve Putumayo / Içá et ses voyages dans la région amazonienne (1874-1884)

David Alejandro Ramírez Palacios

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/6182>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.6182

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

David Alejandro Ramírez Palacios, «Do Pacífico ao Atlântico pela parte mais larga do continente», *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 13 | 2020, posto online no dia 06 novembro 2020, consultado o 26 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/6182> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.6182>

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 janeiro 2021.

“Do Pacífico ao Atlântico pela parte mais larga do continente”

Geopolítica, cartografia, diplomacia e detalhes desconhecidos das explorações no rio Putumayo/Içá e das viagens amazônicas de Rafael Reyes (1874-1884)

“Del Pacífico al Atlántico por la parte más ancha del continente”: Geopolítica, cartografía, diplomacia y detalles desconocidos de las exploraciones en el río Putumayo/Içá y de los viajes amazónicos de Rafael Reyes (1874-1884)

“From the Pacific to the Atlantic across the widest part of the continent”: Geopolitics, cartography, diplomacy and unknown details of Rafael Reyes’ explorations on the Putumayo/Içá River and travels in the Amazon region (1874-1884)

« Du Pacifique à l’Atlantique à travers la partie la plus large du continent » : Géopolitique, cartographie, diplomatie et détails inconnus des explorations de Rafael Reyes sur le fleuve Putumayo / Içá et ses voyages dans la région amazonienne (1874-1884)

David Alejandro Ramírez Palacios

NOTA DO AUTOR

O presente trabalho é uma versão ampliada e melhorada do meu texto “Del Pacífico al Atlántico por la parte más ancha del continente: las exploraciones de Rafael Reyes por el río putumayo, 1874-1884”, a ser publicado proxicamente no livro *Enigmas de las Américas II: la búsqueda del pasaje interoceánico*, organizado por Sabrina Guerra, pesquisadora da Universidade São Francisco de Quito, Equador (USFQ Press, 2020). Aquele texto foi realizado como parte da minha estância pós-doutoral no Instituto de Geografia da Universidade Nacional Autónoma do México, graças à bolsa DGAPA da

referida instituição (2016–2018). A revisão final de dito texto e a elaboração da presente versão foram realizadas graças à bolsa PNPd da CAPES, que apoia atualmente a minha estância pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Pará. No ano 2016, no número 5 da *Terra Brasilis*, foi publicado o resultado do meu primeiro contato com o tema sob o título “Rafael Reyes e o rio Putumayo ou Içá: Explorações amazônicas, cartografia e diplomacia (1874-1907)”, disponível em: <<https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1744>>.

Todas as traduções foram elaboradas pelo autor. A ortografia das citações em português, com exceções que serão notadas, foi modernizada. Algumas citações foram conservadas no original espanhol.

Sabe-se que, muitas vezes, um mesmo rio possui vários nomes ao longo do seu curso. Ao Putumayo/Içá referimo-nos principalmente pelo primeiro nome, também conhecido e usado no Brasil, patentemente na documentação. Quanto ao Amazonas/Maranhão/Solimões, referimo-nos simplesmente como Amazonas.

Agradeço particularmente aos pesquisadores Chet Van Duzer, da Universidade de Rochester, Omar Moncada Maya, do Instituto de Geografia da UNAM, e Nelson Rodrigues Sanjad, do Museu Paraense Emílio Goeldi, por seu inestimável apoio e colaboração. Agradeço também calorosamente ao editor da revista, Rafael Augusto Gomes, pela sua meticulosa revisão do texto.

Introdução

- 1 Em 1875, antes da sua decisiva participação nas guerras civis da Colômbia e muito antes também de tornar-se Presidente deste país, Rafael Reyes (1850-1921) inaugurou a navegação comercial a vapor pelo rio Putumayo — conhecido como Içá no Brasil —, um dos principais afluentes do rio Amazonas. Ele procurava estabelecer uma rota alternativa à do Pacífico e a ferrovia do Panamá para levar à Europa e aos Estados Unidos a valiosa casca da árvore quina, poderoso febrífugo próprio das montanhas dos países andino-amazônicos, que marcou as suas economias em vários ciclos desde o século XVIII e que se tornou, no século XIX, o tratamento padrão contra as febres palúdicas a nível mundial.
- 2 Reyes manteve esse comércio por uma década, levando quina e produtos da floresta aos mercados do Atlântico Norte através do rio Putumayo — então território em disputa entre as Repúblicas da Colômbia, do Peru e do Equador e o Império do Brasil — e do rio Amazonas, voltando com mercadorias europeias aos centros povoados andinos do sul da Colômbia, em particular Pasto e Popayán. Em 1884, devido à queda internacional dos preços da quina — provocada pelo sucesso das plantações inglesas e holandesas na Ásia, como iria ocorrer anos depois com a borracha —, a sua empresa entra em falência e Reyes abandona para sempre as florestas amazônicas, para ingressar, pela via das endêmicas guerras civis, na política nacional.
- 3 Reyes é uma figura controversa. Na cultura popular, ele é lembrado como o “tirano Reyes”, um “ditador” do começo do século (governou entre 1904 e 1909, no seu chamado “Quinquênio”), que anos antes tinha sido “caucheiro” no Putumayo (de fato, pressentindo o destino da quina, os irmãos Reyes tentaram passar-se à borracha; Rafael desistiu e abandonou as florestas, diferente de Enrique, que morreu de febres na tentativa de continuar a empresa; o outro irmão, Nestor, já havia sido devorado por canibais quando explorava em busca de seringais). E, na memória nacional, falar de

borracha e do Putumayo é falar de massivas atrocidades contra a humanidade, de maneira que, consciente ou inconscientemente, a associação é fácil de realizar. Com efeito, em sua época, Reyes foi objeto das piores acusações, entre as quais a de ter estado, como presidente, a serviço da infame casa Arana e a de ter agido contra a integridade territorial do país, incriminações que ecoam até hoje e que constituem um dos elementos centrais do imaginário sobre o personagem.

- 4 A historiografia profissional, por sua vez, não tem sido muito mais generosa com ele. A ideia do Reyes tirano e ditador, promovida habilmente pelos setores radicais dos tradicionais partidos Liberal e Conservador — os quais, cada um a seu modo, defendiam um *status quo* baseado no sectarismo, ao tempo que Reyes, mais próximo da ala moderada daquele último, procurou, contra a tradição existente, fazer um governo bipartidário —, prevalece. Não falta, inclusive, quem chega a compará-lo com Álvaro Uribe, como o pesquisador Ricardo Motta, que não se importa em chamar Reyes de “Uribe Vélez de 1905” (Motta, 2005: 11).
- 5 A biografia clássica do personagem, elaborada pelo historiador Eduardo Lemaitre em 1951 — e até hoje não superada —, causou escândalo à época de sua publicação desde o título: *Rafael Reyes: biografía de un gran colombiano*. Escrita com “impulso reivindicativo” — segundo adverte o mesmo Lemaitre na apresentação —, a obra procurava nada menos que “destruir a lenda negra” da ditadura de Reyes. Inclusive, anos depois, para a quarta edição da obra (publicada em 1981), o autor acrescenta uma nota que vale a pena considerar:

O público deve ser compreensivo com este livro. Trata-se, antes de nada, de uma obra juvenil e, por isso, é apaixonada em favor do herói; mas deve também levar-se em conta que, quando foi escrita, o nome de Reyes não podia nem se mencionar entre nós, e obviamente era preciso escrevê-la com espírito revisionista e combativo. Hoje, quando a figura de Reyes alcançou suas verdadeiras proporções históricas (um pouco, ou talvez um muito, devido justamente a estas páginas) eu teria escrito quiçá uma obra mais tranquila, mais fria, mais objetiva; mas, por isso mesmo, menos interessante. (Lemaitre, 1981: 8)
- 6 Pela minha parte, não estou certo de que Reyes já tenha alcançado suas “verdadeiras proporções históricas”. No entanto, em tempos recentes, tem iniciado lentamente uma revisão historiográfica do seu pensamento, da sua fase amazônica e da sua obra de governo (revisão que talvez chegue a possuir paralelos com aquela experimentada por Porfirio Díaz no México, figura condenada ao ostracismo pela Revolução e que serviu de modelo ao governo de Reyes [veja-se Garner, 2015]), guiada, principalmente, pela crítica pós-moderna, a crítica multicultural e a crítica pós-colonial, atualmente dominantes no ambiente acadêmico.
- 7 As fase amazônica de Rafael Reyes — que, na obra de Lemaitre, recebe apenas algumas páginas e é interpretada pelo autor como não mais que um “devaneio” (uma “*ensoñación*”, [Lemaitre, 1981: 102]) — foi abordada recentemente pelo pesquisador Felipe Martínez em um sofisticado livro acerca da imaginação das elites colombianas (andinas) com respeito às regiões tropicais do país (Martínez, 2016). No capítulo sobre Reyes, ele é apresentado como uma espécie de neo-conquistador (um “Aguirre moderno”, p. 138), inimigo e “disciplinador” dos indígenas e da natureza, ao tempo que — de maneira semelhante a Lemaitre —, seus projetos amazônicos são interpretados como um “delírio”, uma “fantasia irracional”, chamada por Martínez de “cosmópolis agroexportadora”.

- 8 Seria possível comentar detalhadamente os muitos absurdos presentes em tal texto — a começar pela comparação com Aguirre —, mas basta citar alguns parágrafos do início para mostrar meu ponto:

A partir de una fantasía agroexportadora según la cual la selva amazónica es cruzada por ferrocarriles y barcos de vapor —convertida en un reino de la eficiencia comercial— Reyes imagina la Amazonía como una cosmópolis donde se reúnen todas las razas del planeta para hacer allí fortuna a partir de la exportación de minerales y frutos del trópico. Sin embargo, las particularidades históricas del trópico amazónico se interponen en sus fantasías. La conceptualización de la fiebre tropical [...] llevarán [sic] a Reyes a delatar su cosmópolis como un intrincado campo vertical caracterizada [sic] por una división climática y racial del trabajo: los blancos en el clima “benéfico” de las alturas, las demás “razas” en las planicies amazónicas de clima “insalubre”. La paradoja de una cosmópolis segregacionista muestra cómo la fantasía de la civilización amazónica en Reyes, antes que ser una utopía redentora, es una geografía (neo)colonial donde [sic] leer las tensiones entre civilización, nación y trópico en la Colombia de finales de siglo XIX. (Martínez, 2016: 116)

- 9 Martínez, sem temor a se contradizer, condena Reyes qualquer que seja seu ato ou a sua posição. Para ele, é um delírio e uma fantasia pensar em ferrovias e navios a vapor atravessando a Amazônia, mas, adiante, fustiga Reyes por supostamente manter, no seu mapa de 1902, as referidas ferrovias somente nas regiões andinas (p. 132) — o que, aliás, não se verifica no próprio mapa, que de fato mostra ramais ligando a linha principal da ferrovia com projetados portos fluviais nas partes altas da bacia. Se Reyes considera o trópico como sendo “insalubre”, ele incorre para Martínez em preconceito, no entanto para este último “são as particularidades do trópico” (o autor diz aqui particularidades “históricas”, para evitar a acusação de determinismo, mas na realidade deve ler-se “geográficas”), isto é, as febres, as que “se interpõem a sua fantasia” (p. 116). Se, por um lado, “a vida mostrou” para Reyes que a geografia era um “obstáculo ao progresso” (p. 120-121), Martínez qualifica ao mesmo tempo seus projetos ferroviários como uma “obsessão”, uma “utopia do controle total dos movimentos reversíveis” e uma “negação do espaço” (p. 122, escreve o autor citando a Peter Sloterdijk e Paul Virilio). Para Martínez, todavia, os projetos agrícolas de Reyes, como presidente, no vale do rio Magdalena, são “irracionais delírios civilizatórios” (p. 123). Chega até a afirmar coisas como que “a técnica é para Reyes o silêncio da natureza e o telégrafo a sua máxima expressão” (p. 124), que Reyes deseja endividar e despossuir das suas terras os habitantes do trópico (p. 125) e que almeja, destes últimos, a sua eliminação (p. 129). Ou que Reyes — quem (sem contar suas explorações e viagens nos tempos da quina) viajou por toda Europa e América acompanhado de livros de história e deixou narrações das suas viagens, e que até chegou a falar da importância do turismo numa época em que o termo estava apenas surgindo — é oposto “ao turismo, à aventura e à excursão, empreendimentos que pode[riam] levar à improvisação e, portanto, à aprendizagem” (p. 124) (!).
- 10 Enfim, mais que isso, contra toda evidência — e sem fornecer provas —, Martínez acusa Reyes — que passou boa parte de sua vida trabalhando nas “*tierras calientes*” e discursando, sim, sobre a sua colonização — de querer perpetuar a segregação vertical climática e racial tradicional do país, ao tempo que se irrita por seus projetos de “horizontalizar o trópico andino através da modernização das suas vias de comunicação” (p. 118).

- 11 Justamente, no termo “insalubre” da citação acima, Martínez insere uma nota de rodapé para advertir que tal segregação vertical seria “logicamente” nada mais que “uma reedição do mapa etnoclimático caldasiano”, referindo-se a Francisco José de Caldas, o geógrafo *criollo* da época da independência da Espanha, quem, ele sim, repudiava a Amazônia — que propunha derrubar — e agradecia à Providência a existência civilizatória dos Andes nas suas discussões com autores europeus sobre a inferioridade do homem do trópico (Nieto, 2009). No entanto, em minha opinião, tal ideologia geográfica — de certo amplamente difundida entre as elites colombianas e com grande significado na história territorial do país (e que em minha tese de doutorado [2015] tenho chamado de “andinocêntrica”) — não pode ser atribuída, assim simplesmente, a Rafael Reyes. Como veremos, a Amazônia não era para ele nem um “inferno verde” que era melhor evitar ou ignorar — ou talar —, nem tampouco simplesmente um novo El Dorado do qual extrair riquezas e logo virar as costas — que era a *outra* concepção das elites andinas acerca destas regiões (Serje, 2005) —, mas sim o centro, tanto de um projeto territorial nacional quanto de uma concepção geopolítica em escala mundial, muito além do puramente comercial.
- 12 Fica claro que, para certas correntes acadêmicas, se um escritor ou dirigente político afirma que a “civilização” (entre aspas, pois o conceito mesmo de civilização seria imediatamente qualificado como eurocêntrico) é impossível na Amazônia, ele é imediata — e justamente — acusado de determinismo e de racismo velado. No entanto, se um outro dirigente ou analista considera não só que tal civilização é de fato possível, mas coloca a Amazônia como núcleo de um projeto territorial nacional e de um projeto de integração internacional, ele então é acusado de querer “se apropriar” desses territórios e de pretender “entregar” a região à “globalização”.
- 13 É verdade que, graças à crítica multicultural e pós-colonial, hoje reconhecemos o universalismo envolvido no pensamento moderno e a persistência de estruturas coloniais na nossa psicologia e na sociedade, como também o fato de que a nação é uma “construção”, mas, não tínhamos concordado — os historiadores colombianos — em que uma das nossas falências como nação tinha sido justamente a de não ter sido capazes de integrar a Amazônia num projeto territorial nacional (por não mencionar nosso tradicional isolacionismo com relação à região)? (Por outro lado, por que não pode pensar-se numa Amazônia cosmopolita e produtora de alimentos para o mundo?)
- 14 O que parece é que algumas dessas perspectivas ditas críticas não apenas incorrem no anacronismo básico de julgar o século XIX com critérios do XXI, mas homogeneizam, trivializam, reduzem e condenam qualquer ação e projeto territorial como sendo “neo-colonial”, esvaziando-o de toda complexidade e sentido histórico. Mas, sobretudo, dita postura — pois, mais do que uma metodologia de pesquisa, é uma postura — incorre no erro fundamental de partir de uma assunção previamente adquirida para tentar demonstrá-la a qualquer custo. Parece que, para o autor citado, teria sido melhor que Reyes não tivesse saído nunca de sua casa em Tundama.
- 15 Por outro lado, o pesquisador Carlos Zárate tem estabelecido a maneira com que o comércio da quina — que, sob o impulso da alta demanda na Europa e nos Estados Unidos, começou a ser explorada na metade do século XIX no sopé oriental da cordilheira dos Andes, não só na Colômbia, mas também na Bolívia, Equador e Peru — não apenas restabeleceu os contatos entre os Andes e a Amazônia — fluidos em tempos pré-hispânicos mas desarticulados, principalmente, pela debacle demográfica gerada pela colônia —) mas provocou importantes transformações espaciais, como a fundação

de povoados e a abertura de caminhos e inclusive chegou a prefigurar, nestes países, parte importante da geografia da borracha (Zárate, 2001). Segundo Zárate, uma das principais consequências deste comércio foi o deslocamento dos circuitos espaciais de comercialização e transporte que, desde o século anterior, escoavam a quina pelos portos do Pacífico em busca dos mercados ultramarinos, para a bacia do rio Amazonas, elevando desta forma a importância de portos como Iquitos e Manaus (Zárate, 2001: 84). Contudo, apesar de ser apresentado no livro como o “principal empresário *quinero*” da região do sul da Colômbia (p. 91) e de ser reconhecido seu “papel fundamental” (p. 86) nesta rearticulação espacial — e do autor, necessariamente, utilizar amplamente seus escritos como uma das suas principais fontes de documentação —, percebe-se um certo cuidado por parte de Zárate a respeito de conceder a Reyes qualquer destaque ou protagonismo que possa ir além de considerá-lo parte importante de um movimento maior. Claramente, e de maneira compreensível e acorde com as tendências da academia atual, o autor deseja evitar qualquer risco possível de heroização do personagem, muito mais tratando-se de um que, como já dito, não desfruta de muito boa reputação.

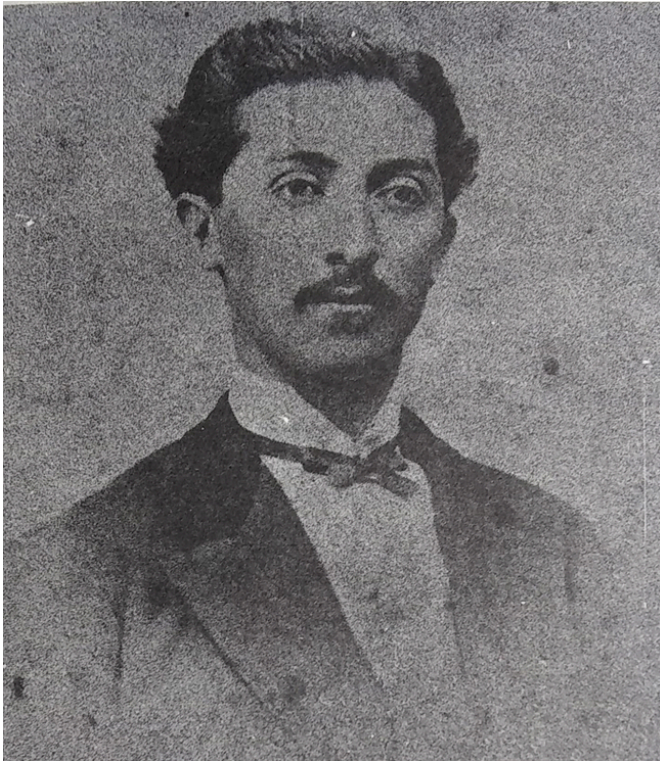
- 16 O assunto é que, nem no livro de Zárate, nem na documentação que tenho explorado, aparece um caso individual semelhante — de uma pessoa que, para bem ou para mal, tenha explorado e aberto um rio à navegação a vapor e fundado um porto, mobilizado milhares de pessoas, viajado exaustivamente, mantido contato estreito com todo tipo de personalidades e autoridades, obrigado a movimentar-se aos mecanismos do Império do Brasil em resposta a uma solicitação sua, que tenha sido seguido pela imprensa mundial, que tenha escrito ele mesmo, não só na imprensa, mas também artigos nos mais importantes jornais científicos do seu tempo, além de livros — exprimindo em seus textos ideias, pelo menos, interessantes —, que tenha elaborado mapas originais das suas explorações e de seus projetos, que tenha exposto ditos projetos em importantes foros internacionais — e que tenha chegado a ser presidente de seu país. Em qualquer caso, considerando apenas a extração de quina, só muito esporadicamente se encontra na documentação evidência de quina andina procedente de fontes diferentes à empresa de Reyes saindo por Belém do Pará.
- 17 O mesmo Zárate, em outro livro importante, chega a apresentar Reyes como um aliado e uma espécie de versão colombiana de Júlio César Arana (Zárate, 2008: 213-220). Trata-se, como é patente na própria obra de Zárate, de ecos das virulentas acusações lançadas contra Reyes por Demétrio Salamanca, conterrâneo e antigo amigo do personagem, posteriormente cônsul da Colômbia em Manaus e falecido em 1925 em Belém do Pará. Em várias obras, mas principalmente no livro *La Amazonia colombiana: Estudio geográfico, histórico y jurídico en defensa del derecho territorial de Colombia*, publicado em 1916 — e cujo segundo volume foi incinerado no mesmo ano pelo governo de José Vicente Concha por considerá-lo “inconveniente para a situação de então” e “contraproducente para a ação diplomática que a chancelaria colombiana tinha em mente”, segundo nota manuscrita que acompanha o exemplar sobrevivente, resguardado em urna de segurança na seção de Livros raros e manuscritos da Biblioteca Luis Ángel Arango, em Bogotá —, Salamanca não economiza em ataques de todo tipo contra seu ex-amigo (Salamanca, 1916).
- 18 Não estão claros os motivos concretos da destruição da obra de Salamanca. Costuma pensar-se que a causa foi, justamente, o tratamento dado a Reyes em suas páginas. No entanto, Salamanca outorga-lhe tratamento semelhante no primeiro volume da obra e em vários outros textos, assim que é possível que o problema tenha sido outro

(provavelmente a reivindicação de Salamanca do rio Putumayo, e não do Napo, como limite sul do país). De qualquer maneira, a clarificação desse assunto e o mérito das acusações de Salamanca encontra-se, por enquanto, fora do escopo do presente trabalho, que se concentra apenas no período das navegações de Reyes (que, diga-se de passagem, constituem para Salamanca prova da soberania colombiana naquelas regiões). No entanto, reconhecemos que se trata de um tema importante, que, por esse mesmo motivo, merece um tratamento por separado.

- 19 Se bem que, como já foi dito, a presente pesquisa não procura avaliar o governo de Reyes, é muito claro que as questões territoriais se encontram no miolo das controvérsias. Reyes promoveu ativamente uma reforma radical no ordenamento territorial do país ao transformar os tradicionais nove Departamentos da constituição de 1886 (que restavam apenas oito, com a separação de Panamá em 1903), herdeiros dos antigos Estados Soberanos, em até 34 novas seções (Quinche: 2011), processo que, da mesma forma em que recebeu decidido apoio em diversas regiões,¹ produziu uma enorme resistência por parte de poderosíssimos interesses (latifundiários). Ao mesmo tempo, seus posicionamentos em relação às controvérsias limítrofes com os vizinhos, que incluíram vários acordos de “*modus vivendi*” com o Peru, um tratado com o Brasil em 1907 e o reconhecimento da independência de Panamá, produziram — principalmente o último — enormes pressões e inconformidades que o levaram a renunciar ao cargo e ao autoexílio.
- 20 Todos esses assuntos merecem, decerto, maior atenção por parte dos historiadores. Por enquanto, o que parece ser claro é que, com seus textos e navegações, Rafael Reyes não apenas estabelece o precedente fundamental para a posterior definição do rio Putumayo como limite entre a Colômbia e o Peru, mas desafia o andino-centrismo dominante na história territorial e nas ideologias geográficas nacionais colombianas, ao mesmo tempo em que promove, na Amazônia, a integração sul-americana, não apenas comercial, mas também política.

A origem do homem e da aventura

Figura 1: Reyes em 1873, pouco antes das suas primeiras explorações amazônicas



Fonte: Rafael Reyes, *Memorias*, 1986, p. 78

- 21 Longe da Amazônia, nas montanhas andinas, sobre a chamada Cordilheira Oriental da Colômbia — a cordilheira do Sumapaz de Humboldt ou cordilheira de Bogotá de Alfred Hettner —, Rafael Reyes nasce no ano de 1850, na gelada vila de Santa Rosa de Viterbo, capital do Tundama, uma das 35 províncias em que se dividia a então República da Nova Granada.
- 22 Segundo as suas *Memorias* (Reyes, 1986),² com dezoito anos de idade — quando o país já tinha se transformado em Estados Unidos da Colômbia e o Tundama tinha passado a fazer parte do Estado Soberano de Boyacá —, Reyes decide ver o mundo e anuncia à sua mãe — figura psicológica fundamental — seus planos de dirigir-se ao Panamá, onde a febre do ouro californiano tinha aberto recentemente uma ferrovia interoceânica, e, em caso de não achar ali o sucesso, unir-se ao fluxo que conduzia à costa oeste do país do norte.
- 23 Com a data da partida definida, às vésperas da viagem recebe uma carta de Elías, seu irmão-meio, radicado há em Popayán, capital do gigante Estado do Cauca, que tinha encontrado fortuna no negócio da exportação da valiosa casca defumada da árvore da quina ou cinchona — importante por suas propriedades contra o paludismo e a febre amarela e, portanto, elemento fundamental do imperialismo da época — e de importação de mercadorias europeias pela via de Tumaco, porto colombiano no Pacífico, e a mencionada ferrovia de Panamá, carta em que convidava seus irmãos a se unirem à sua empresa. Rafael, com efeito, aceita a proposta e, em fins de 1868, percorre o longo caminho de Santa Rosa até Popayán, na primeira das suas inumeráveis e extensas viagens, que foi também seu primeiro contato com as chamadas “*tierras calientes*” dos vales interandinos e com a fria capital, Bogotá. Esses detalhes são importantes, dado que a tensão entre “terras frias” e “terras quentes”, assim como a

tensão entre Bogotá e o resto do país, são elementos centrais das ideologias geográficas nacionais e da história territorial do país.

- 24 Após alguns anos em Popayán, encarregado tanto de serviços administrativos quanto de excursões em procura de quina, e perante a escassez do produto nas áreas tradicionais de exploração — localizadas nas montanhas de Silvia, ao norte de Popayán, onde, segundo ele mesmo, “a extração da casca fazia-se dum modo bárbaro, pelo sistema selvagem de derrubar a árvore para colher o fruto” (*Memorias*, 1986: 72) —, Reyes, “atraído mais pela afeição às explorações e por buscar o desconhecido do que por espírito comercial” (p. 77), propõe a Elías, chefe da casa, explorar as montanhas do Patía e de Santa Rosa, lugares pouco estudados e dos quais havia boatos que indicavam a existência de grandes quantidades desse produto.
- 25 Segundo seu relato, Reyes percorre com sucesso ditas regiões entre 1870 e 1871 e consegue reunir uma quantidade considerável de casca, que segundo ele representou magníficas utilidades para à sua empresa. Como prêmio, ele recebe uma viagem completa à Europa, que realiza no ano seguinte pela via Panamá e Nova Iorque, naquele que é, aliás, o seu primeiro contato direto com as ferrovias e os navios a vapor, tecnologias que o fascinam e que estarão para sempre no centro dos seus discursos e projetos.

Figura 2: A Colômbia no período das explorações amazônicas de Rafael Reyes



A “Carta Jeográfica de los Estados Unidos de Colombia” (1865), elaborada por Manuel Ponce de León e Manuel María Paz segundo os trabalhos do falecido Agustín Codazzi, constituía o mapa oficial do país no período das expedições de Reyes. Sabe-se que este chegou a conhecê-la e utilizá-la, pois a toponímia percorrida nas suas citadas *Memórias* pode reconhecer-se —diferente do que ocorre com os mapas da Colômbia anteriores e posteriores—, e, sobretudo, porque, na sua parte andina, constitui a base do próprio mapa de Reyes do rio Putumayo, publicado em Nova Iorque em 1877. A linha Tabatinga-Apaporis é apresentada aqui como “Linha que limita o território que pretende e tem usurpado em parte o Império do Brasil”. Agradeço especialmente a Sergio Tello pela elaboração deste mapa.

Fonte: Biblioteca Digital Hispánica – Biblioteca Nacional de España: <<http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/2671251>>.

Fascinação pelas florestas

- 26 De volta à Colômbia, suas explorações estendem-se cada vez mais para a vertente sudeste da cordilheira, onde são cada vez mais aparentes os rios que vão confundir-se a milhares de quilômetros com o Amazonas. Reyes deixa claro em mais de uma ocasião a sua fascinação por essas florestas, que representa, desde a copa das árvores em que sobe para orientar-se, como um “interminável e imenso oceano de verdura” (*Memórias*: 32).

Habíamos acabado de hacer la explotación de quinas en las montañas de Patía y de Santa Rosa y recordando yo las inmensas selvas orientales que había divisado en mis exploraciones anteriores y deseando abrir a mi patria el comercio con el Amazonas y el Brasil, que entonces apenas se sabía que existían por las cartas geográficas, pero que ningún viajero había explorado ni reconocido esa inmensa y rica región del continente que se extiende desde la cordillera Oriental por millares de kilómetros hasta el mar, propuse a Elías mi socio y hermano, que yo haría la exploración de esas selvas y que según los resultados que ella diera,

emprenderíamos en la explotación de las riquezas vegetales o minerales que yo descubriera. (*Memorias*: 99-100)

- 27 Por que o interesse de Reyes pelo rio Putumayo em particular? É verdade que, desde o ponto de vista científico, tratava-se de um rio bastante desconhecido e apenas esquematicamente mapeado — fato que coincidem em sublinhar os relatos e comentários que começaram a proliferar após as suas viagens. No entanto, já no período colonial o Putumayo servia de rota de contrabando entre os territórios disputados pelas coroas ibéricas. Por exemplo, como revelado pelos pesquisadores Carlos Bastos e Siméia Lopes, o cartógrafo Francisco Requena, chefe da comissão demarcadora espanhola e governador da província de Maynas, referia-se especialmente a este rio com relação às incursões portuguesas em busca de produtos da selva — em particular salsaparrilha — e ao tráfico de escravos (Bastos e Lopes, 2015: 92).
- 28 Por outro lado, é claro que o Putumayo era conhecido pelos missionários jesuítas. De fato, a primeira navegação registrada do rio aparece em um manuscrito elaborado na década de 1730 e atribuído pelo erudito Marcos Jiménez de la Espada (Maroni, 1889) ao padre Pablo Maroni (Maroni, 1738). Nele, relata-se a viagem do capitão Juan de Sosa, “primeiro espanhol, que pelo ano de 1609, navegou-o muitas jornadas abaixo” (f. 31). Mesmo assim, ainda na época do padre Maroni acreditava-se que, perto da desembocadura, o rio corria “por baixo da terra por espaço de duas ou três léguas” (f. 35v), tradição que só seria refutada, segundo nota inserida posteriormente na margem do mesmo fólio — atribuída por de la Espada ao padre Brent (p. 67) — “com a baixada de dom Thomas Valencia” no ano de 1746. Ao que parece, não há mais informações acerca deste Thomas Valencia, mas, em qualquer caso, em mapas posteriores, como o de 1783 do citado Requena, intitulado “Mapa de una parte de la America Meridional”, pode apreciar-se o rio Putumayo inteiramente demarcado — inclusive mais do que seus irmãos Caquetá e Napo — como território de missões (Requena, 1873). Não custa lembrar também que, no famoso *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas*, elaborado pelo padre Acuña em 1641, o Putumayo já é apresentado como navegável e associado às cidades de Pasto e Popayán:
- La segunda puerta que por la parte Norte podemos señalar a este río [ao Amazonas], es por la ciudad de Pasto, jurisdicción también del gobierno de Popayán, de donde atravesando la cordillera con algunos inconvenientes de mal camino, de a pie, que de a caballo es imposible, llegando al Putumayo, y navegándole río abajo, se vendrán a salir al de las Amazonas, en altura de dos grados y medio, a las trescientas y treinta leguas del puerto de Napo. (Acuña, 1641: f. 21v)
- 29 Todavía, há indícios de que existia contato comercial pelo Putumayo após os processos de independência do continente. Segundo informa tempo depois Rafael Uribe Uribe — outra das grandes figuras da história política da Colômbia, muito próximo de Reyes, tanto como inimigo nas guerras civis quanto depois como funcionário do seu governo (o qual chegou, inclusive, a representar no Brasil)—, em 1835 esta via era utilizada pelos comerciantes de Pasto, nos Andes, para levar até Manaus e Belém, em balsas e canoas, calçado, cigarros e vernizes em troca de sal, ferramentas, licores e outros produtos fabricados no Brasil e na Europa (Uribe, 1912: 48). Isto é, a navegabilidade do Putumayo — em contraste com o seu gêmeo, o Caquetá ou Japurá, conhecido por seus torrentes e quedas-d’água—, possuía uma certa tradição, paralela à centenária ligação entre os Andes equatoriais e o Pará, desde tempos de Orellana, Acuña y Pedro Texeira.
- 30 No entanto, não há certeza de que Reyes estivesse exatamente informado dessas dinâmicas. Em qualquer caso, Reyes manteve contato em Popayán com a poderosa e

ilustrada aristocracia local, em particular com a família Mosquera, que não apenas possuía uma importante biblioteca — à qual afirma ter tido acesso —, mas contava com geógrafos, cartógrafos e políticos entre seus membros, entre eles Tomás Cipriano de Mosquera, várias vezes presidente e uma das figuras mais importantes da história territorial do país. O mesmo Reyes indica em suas *Memórias* ter presenciado debates sobre assuntos históricos e geográficos mantidos pelos patrícios da cidade em lugares públicos e, de fato, conhecia a versão segundo a qual, após sua derrota na chamada “Guerra dos Supremos”, o general José María Obando, tendo bloqueadas as saídas pelo Pacífico, tinha escapado do país pelo rio Putumayo em 1841 e subido o Amazonas para exilar-se no Peru (em expedição relatada por seu filho do mesmo nome [Obando, 1880]).

- 31 Além do testemunho do próprio Reyes, a única alusão direta conhecida a respeito de seus motivos imediatos para lançar-se ao Putumayo é oferecida pelo viajante francês Édouard André, que, em suas viagens pela Colômbia entre 1875 e 1876 (publicadas em cinco partes na revista *Le Tour du Monde* entre 1877 e 1883) chegou a percorrer a laguna de Pasto, considerada então o lugar de nascimento do rio. Segundo André, que cita uma carta firmada por Rafael em fevereiro de 1876 e publicada em Pasto um pouco antes da sua chegada, os irmãos Reyes conceberam seu projeto dado que “sabiam fazia tempo que um certo mulato que vivia em Tapacunti, perto da desembocadura do rio Sucumbios no Putumayo, descia anualmente este rio na sua canoa até o Amazonas, que remontava até Tabatinga, entrava no Huallaga, no Peru, e trocava a salsaparrilha por sal-gema que revendia na volta” (André, 1879: 342).
- 32 Por outro lado, através da lei 53 de 20 de junho de 1874, a Colômbia tinha proclamado seu interesse pela colonização dos extensos e pouco habitados territórios do Caquetá — que era o nome dado à metade sul-oriental do país, conformada pelas florestas amazônicas e as savanas do Orinoco —, assim como pela navegação dos rios Putumayo e Napo — este último considerado seu limite meridional (Estados Unidos de Colômbia, 1874: 3). Essa lei, sem dúvida, foi um dos principais incentivos de Reyes para decidir-se à aventura, pois, como veremos, ao tempo que a sua primeira exploração ocorria, a sua empresa apresentou uma proposta de licitação ao governo, que finalmente foi rejeitada.
- 33 Em termos internacionais, ao mesmo tempo, a questão da navegação a vapor no Amazonas e seus afluentes encontrava-se em plena efervescência. Desde meados do século, tanto o Império do Brasil quanto as repúblicas andino-amazônicas — Venezuela, Nova Granada/Colômbia, Equador, Peru e Bolívia — produziram legislação interna e acordos bilaterais — nem sempre ratificados — acerca de limites, comércio e navegação na região. De fato, a abertura do rio principal à navegação comercial internacional era um acontecimento bastante recente, legislado pelo Brasil — sob pressão internacional — apenas em 1866 e consumado no ano seguinte (detalhes deste processo podem acompanhar-se em Albuquerque, 1894).
- 34 De qualquer maneira, e apesar dos riscos que o projeto envolvia, Rafael obtém a autorização de Elías e passa a organizar a sua primeira expedição ao rio Putumayo. Segundo suas *Memórias*, Reyes parte da cidade de Pasto com destino a Mocoa, vila indígena na entrada da floresta, na vertente do Caquetá, acompanhado de 10 cargueiros, no dia 5 de fevereiro de 1874 (p. 109). No entanto, como veremos com base em outros documentos, aquela data é duvidosa, e a real deve localizar-se a começos de novembro do mesmo ano.

Primeira expedição em canoa pelo rio Putumayo

- 35 As inumeráveis vicissitudes dessa primeira excursão podem seguir-se, além das citadas *Memórias* de Reyes, no relato intitulado *A través de la América del Sur: Exploraciones de los Hermanos Reyes*, oferecido por Rafael, representante da Colômbia, aos delegados da Segunda Conferência Internacional Americana, reunida na Cidade do México entre outubro de 1901 e janeiro de 1902. Estas *Explorações* — em quatro idiomas — e o mapa correspondente — a cores e em grande formato — foram publicados por Reyes, em Barcelona, na casa editora catalã-mexicana de Araluce, nesse mesmo 1902 (Reyes, 1902).
- 36 Reyes foi, de fato, um dos principais protagonistas do evento. Isso, em primeiro lugar, devido a um brinde oferecido por ele à “mãe” Espanha na presença dos delegados dos Estados Unidos — nação que, um par de anos antes, tinha acabado com os restos do império espanhol na América, facilitando a independência de Cuba (que, aliás, foi proibida por eles de participar no evento) e anexando-se Porto Rico —, gesto que chegou a produzir uma polêmica internacional (Ramírez, 2017). E, em segundo lugar, pelo relato da sua primeira viagem pelo rio Putumayo, proferido a propósito do seu projeto — acompanhado do mencionado mapa —, de interconexão fluvial-ferroviária da América do Sul, isto é, da sua ideia de unir, através de ramais, a projetada ferrovia pan-americana — que era assunto tratado na Conferência — com a formidável rede aquática do continente.
- 37 A cronologia da viagem é muitas vezes confusa, e não raramente encontram-se vazios importantes ou contradições entre as informações oferecidas por Reyes nas suas *Memórias* e as contidas nas *Explorações*. Segundo estas, a expedição demora um mês para atravessar o páramo de Bordoncillo, primeiro grande obstáculo da correria, suportando temperaturas abaixo de zero (*Explorações*, p. 19). Deste páramo — planície de altitude particular dos Andes intertropicais —, chega-se ao vale indígena de Sibundoy, que é uma das vias de passagem mais conhecidas entre os Andes e Amazônia — rota inclusive utilizada por vários conquistadores —, onde Reyes passa alguns dias e substitui os *pastusos* por cargueiros locais (*Memórias*, 111-112).
- 38 De maneira estranha, nas *Memórias* de Reyes, o relato é interrompido nesse ponto, perde o fio por algumas páginas e retoma-se já embrenhado nas florestas do Putumayo. Ou seja, perdem-se as cenas do encontro do rio e do batismo de La Sofía, nome outorgado por Reyes em honra da sua noiva *payanesa* ao ponto que, segundo as suas sondagens, constituiria o término da futura navegação a vapor. No entanto, segundo o relato oferecido por Reyes no México, quinze dias depois de sair do páramo, ele encontra um rio navegável habitado por índios mocoas e identificado por eles com o nome de Putumayo. Permanece com os mocoas um mês, dos quais obtém uma canoa e seis guias que irão acompanhá-lo até a metade do rio, onde se iniciava para eles o temido território antropófago. Depois de dois dias de navegação, Reyes determina então o citado ponto de La Sofía (*Explorações*, 19).
- 39 Voltando às *Memórias*, Reyes passa alguns dias com as tribos dos Orelhões e dos Miranhas, estes últimos liderados por Chúa, que lhe oferece oito “*bogas*” (remeiros) e uma boa canoa, retornando-se nesse ponto, como anunciado, os índios do alto Putumayo. Seria interminável referir as aventuras e atitudes de Reyes relacionadas com os habitantes do rio, mas pode dizer-se que ele procurou, em geral — e até com sucesso —, ganhar a sua amizade, talvez de maneira sincera, mas também, como ele mesmo

explicita em diferentes momentos, fortemente interessado no seu trabalho como fornecedores de lenha, combustível indispensável da futura navegação a vapor.

- 40 Segundo as *Explorações*, ele permanece mais dois meses explorando a parte baixa do Putumayo (p. 21) — um mês, segundo as *Memórias* (p. 135) —, que Reyes descreve como desolada, ressaltando, num motivo comum na literatura sobre este rio, a opressora abundância de mosquitos nessa região. No total, segundo o relato da Conferência Pan-americana, esta primeira viagem, a pé e de canoa, desde Pasto até Santo Antônio — porto brasileiro na desembocadura do rio —, demandou de seis meses (p. 22).
- 41 Antes de entrar no Amazonas, Reyes registra nas suas *Memórias* a ocorrência de um importante incidente:

A cien leguas más o menos de distancia del Amazonas, en la margen izquierda del río Putumayo que navegábamos, encontramos unos postes [marcos] señalando los límites en aquel río entre los territorios del Brasil y del Perú, conforme a tratados celebrados entre estos dos países sin la intervención de Colombia, que es el verdadero dueño de dichos territorios. No había allí habitación ni ser humano alguno.

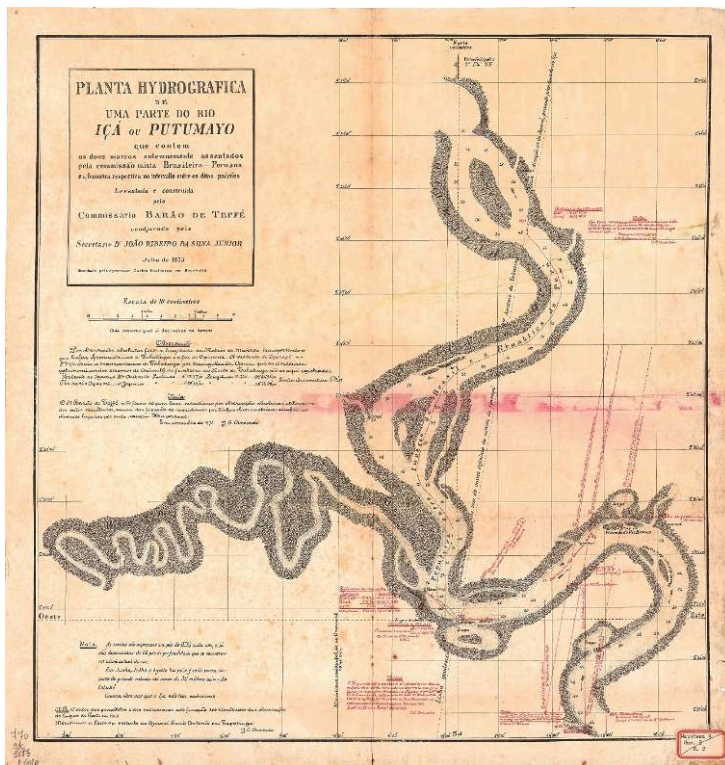
Arrancamos esos postes y los arrojamos [jogamos] al río como una protesta de la usurpación de los derechos de nuestro país sobre aquel territorio y después dimos cuenta de este acto al gobierno de Colombia, presidido por el señor Aquileo Parra.

A unas sesenta leguas del río Amazonas, llegamos a una estación brasilera que se había establecido conforme a los citados tratados entre el Perú y el Brasil. El capitán de la frontera, Antonio Olimpo de Acevedo nos hizo buena acogida, nos ofreció provisiones e informó al gobierno brasilero de nuestro viaje. (*Memorias*: 135)

- 42 Com efeito, o Brasil e o Peru, mediante tratado celebrado em 1851 — ratificado pelo Peru em 1858 e posto em vigor no ano seguinte (Novak e Namihas, 2013: 33) — estabeleceram como limite entre a república e o império uma linha geodésica traçada desde o estreito de Tabatinga no rio Amazonas até a confluência do rio Caquetá com o Apaporis —isto é, cortando o rio Putumayo.
- 43 Todavia, em 1866 e 1873, comissões mistas peruano-brasileiras de delimitação subiram a vapor o Putumayo (ou Içá, como se conhece o rio no Brasil) até o ponto em que este é cortado pela citada linha. Da primeira comissão se conhece a *Carta do rio Içá*, assinada por José da Costa Azevedo, barão de Ladário. Tal carta cobre a porção baixa do rio, desde a desembocadura até a linha Tabatinga-Apaporis, e destaca a instalação de um marco demarcatório por parte da comissão brasileira num dos pontos de contato entre o rio e o traço geodésico (Azevedo, 1868).
- 44 A comissão de 1873, por sua vez, descobre que, devido aos meandros, a linha limítrofe atravessa o rio em três ocasiões, fato que dificultava o patrulhamento. A solução, formalizada em fevereiro de 1874, consistiu num convênio de troca de territórios que traçava a fronteira pelo álveo ou talvegue do rio no intervalo entre a interseção mais austral e a mais boreal do mesmo com a dita linha (documento disponível em Novak e Namihas, 2013: 239–41). No mapa correspondente, intitulado “Planta hydrografica de uma parte do rio Içá ou Putumayo” e elaborado por Antônio Luís von Hoonholtz, barão de Tefé, mostra-se, além do limite definido pelo convênio, a instalação de marcos demarcatórios em ditos pontos extremos, os quais devem ser os postes achados e derrubados por Reyes um ano e meio depois da sua instalação (Teffé, 1873). Isto é, o relato de Reyes não apenas mostra que, diferente do Peru e da Colômbia, o Brasil mantinha autoridades nesses pontos extremos, mas confirma que, em questões limítrofes, Reyes considerava válidas até esse momento as fronteiras indicadas no mapa

oficial da Colômbia, a já citada carta de Codazzi, Ponce e Paz de 1865. A “Planta hidrográfica” do barão de Tefé, finalmente, possui uma legenda interessante, segundo a qual “Convém observar que o Içá não tem cachoeiras”, ou seja, que se trata de um rio navegável, o que demonstra que, para o Brasil, ainda existiam dúvidas ao respeito.

Figura 3: Mapa da troca de territórios no Putumayo entre o Peru e o Brasil (1873)



“Planta hidrográfica de uma parte do rio Içá ou Putumayo que contem os dous marcos solememente assentados pela comissão mixta Brasileira – Peruana e a fronteira respectiva no intervallo entre os ditos padrões. Levantada e construida pelo Commissario Barão de Tefé [Antônio Luís von Hoonholtz], coadjuvado pelo Secretário Dr. João Ribeiro da Silva Junior; Julho de 1873. Desenhada pelo Agrimensor Carlos Guilherme von Hoonholtz”. O mapa anota que “Convém observar que o Içá não tem cachoeiras”, ou seja, que, para a época, ainda estavam esclarecendo as dúvidas sobre a navegabilidade do rio. O presente exemplar contém notas de José da Costa Azevedo.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB (Rio de Janeiro), Mapoteca 5, Gaveta 3, nº 2. Agradeço ao professor Sergio Nunes Pereira da Universidade Federal Fluminense (UFF) a sua ajuda na consecução desta imagem. Existe um outro exemplar, sem as notas de Azevedo, disponível na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=96208>.

Reyes no Pará

- 45 Em Santo Antônio, na desembocadura do rio, onde é recebido pelo prefeito, Reyes fica duas semanas até a passagem do vapor *Augusto* do capitão Charles Collyer, que realizava a rota mensal, aberta não muito antes, entre a boca do rio Huallaga, acima de Iquitos, e Belém do Pará.
- 46 Nesta cidade, na qual chega emaciado, em farrapos e sem documentos — que tinha perdido na viagem —, Reyes consegue, seduzindo-o com seu relato, o decisivo apoio de Manoel Pinheiro, de origem galega, pioneiro da navegação a vapor no Amazonas e barão da indústria da borracha (*Memórias*: 148-151). Posteriormente, Reyes conseguirá o

favor de outras importantes personalidades, tanto no Pará e Amazonas quanto no Rio de Janeiro, que lhe prestaram apoio em termos financeiros e políticos. No Pará, além de Pinheiro, Reyes tecerá amizade com o político Domingos Antônio Raiol, barão de Guajará, com os comerciantes e empresários Manuel Antonio Pimenta Bueno e Júlio La Rocque e com o também político Manuel Joaquim Cabral de Melo, barão de São Francisco das Chagas.

- 47 No dia primeiro de junho de 1875 o jornal *Liberal do Pará* de Belém — disponível, se bem que incompleto, assim como outros jornais da época, na hemeroteca da Biblioteca Arthur Vianna desta cidade (materiais, aliás, digitalizados pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de onde foram tomadas todas as citações da imprensa brasileira do presente trabalho) — publica um texto de autoria de Reyes intitulado “A região amazônica e as repúblicas ribeirinhas”, primeira das suas inumeráveis aparições na imprensa brasileira e mundial (Reyes, 1875a).
- 48 Nesse texto, Reyes apresenta-se como um “filho da república da Colômbia” e “representante do seu comércio” — isto é, não do seu governo — chegado ao Brasil “com o fim exclusivo de descobrir a melhor comunicação com o Amazonas por meio de algum rio navegável” que pudesse unir-se às povoações do sul andino do dito país através de um caminho terrestre.
- 49 Anuncia a navegabilidade do rio Putumayo, do qual acaba de fazer uma “escrupulosa exploração”, da qual, tem certeza, irão resultar “inúmeras vantagens comerciais” tanto para seu país quanto para o império. Pretende que, ao dar a conhecer a “nova fonte de riqueza” que significaria para o Brasil o estabelecimento de relações comerciais com as populosas e industriais províncias do sul da Colômbia e do norte do Equador — país a que repetidamente também alude —, o governo imperial iria obviar quanto lhe fosse possível a dificuldade apresentada à realização da sua empresa pela falta de tratados de comércio e navegação entre ambos países, como exigia a lei brasileira de 1866 de navegação internacional no Amazonas para o caso dos Estados limítrofes.
- 50 Declara, no mesmo texto, possuir um “importante carregamento de quinas” capaz de alimentar os vapores nas suas primeiras viagens, e afirma contar também com “fundos suficientes” para adquirir os ditos navios. Descreve as dimensões do rio e as condições de sua navegabilidade, enumera os produtos exploráveis do “clima ardente” (borracha, salsaparrilha, cacau e madeiras de construção) e os próprios do “clima frio” (quinas, ouro e verniz de Pasto).
- 51 Se construído o caminho, insiste Reyes, em 14 dias poderia ir-se do Amazonas (ou seja, da confluência do Putumayo) “ao centro de uma população muito numerosa e ativa da qual não se tinha a menor notícia”. Calcula a população das províncias do sul da Colômbia e do norte do Equador em meio milhão de habitantes, dedicados à agricultura, à criação de animais e às indústrias manuais, cujos produtos, lembra Reyes, deviam ser exportados com grande dificuldade pelos portos do Pacífico às costas de cargueiros. A nova rota, segundo ele, levaria por estrada e vapor tais produtos aos mercados de Manaus e do Pará, para cujos capitais, em troca, abrir-se-ia todo um novo e vasto teatro de operações.
- 52 Quanto aos habitantes do rio, eles são apresentados por Reyes como de “boa índole, hospitaleiros e fáceis de conquistar”, antes de acrescentar, num parágrafo que revela — além das particularidades sobre os diferentes grupos que vai registrar em diferentes escritos —, o lugar dos indígenas, em geral, em seu pensamento e no seu projeto:

Além das vantagens referidas [comerciais], a empresa que tento realizar, envolve ideias e fins mais elevados em relação à civilização dos indígenas que, nus, devorados por insetos e perseguidos por feras, vagam por esses bosques, enquanto nós outros chamados civilizados, desfrutamos, a pouca distância deles, nas terras que foram de seus antepassados, os gozos da sociedade e da família, e mais que tudo, os consolos de uma religião de esperança e amor. Eles carecem até de sentimentos: as perseguições e a nossa indiferença os têm aproximado dos brutos; a existência desses seres desgraçados é um sangrento insulto à civilização e à caridade cristã, insulto que nós outros, descendentes dos que conquistaram seu solo, temos o sagrado dever de reparar. (Reyes, 1875a: 1)

- 53 Uma tal declaração poderia hoje ser facilmente desqualificada como etnocêntrica e paternalista. No entanto, na minha opinião, não carece de verdade a denúncia de Reyes quanto aos efeitos destrutivos da colonização e quanto ao dever de reparação dos Estados e das sociedades modernas.
- 54 Reyes, finalmente, encerra seu texto anunciando a sua intenção de “solicitar providências” do governo imperial que possam amparar o seu comércio enquanto a Colômbia não enviasse ao Rio de Janeiro um plenipotenciário que estivesse em capacidade de celebrar com o Brasil um tratado, “como já o fizeram o Peru e a Bolívia”.
- 55 Quatro dias depois, em 5 de junho, Reyes publica um segundo texto no mesmo *Liberal do Pará*. Lamentavelmente, o exemplar conservado na Biblioteca Arthur Vianna encontra-se mutilado. No entanto, com base numa tradução francesa publicada meses depois e que reúne, retirando alguns parágrafos, os dois textos publicados por Reyes no *Liberal do Pará* (Reyes, 1875c), é possível deduzir que aquele se intitulava “Comunicações entre a Colômbia e o Brasil” (Reyes, 1875b). Nesse texto, Reyes denuncia como uma “tosca anomalia, que não pode continuar e que é necessário destruir” a separação existente entre o império do Brasil e as repúblicas ribeirinhas do rio Amazonas, entre os quais, para ele, parecia estender-se uma espécie de “véu densíssimo, impenetrável”, que fazia com que estes vizinhos “se desconhecem inteiramente” e “apenas soubessem” da existência do outro. Todavia, admira-se Reyes, o correio e a correspondência entre o Brasil e os Estados do Pacífico dependia da intermediação dos Estados Unidos e da Europa. Para ele, já era tempo de as repúblicas ribeirinhas compreenderem “que seus mais brilhantes destinos se encerram na região amazônica” e sentirem “a necessidade de secundar os esforços que faz o Brasil para que esta região seja ponto e centro do comércio sul-americano”, movimento do qual ele mesmo se propunha ser um pioneiro.
- 56 Mas não se trata apenas de comércio. Reyes aponta, ao fim de seu escrito, uma das suas principais ideias geopolíticas, que irá repetir insistentemente no futuro e irá acompanhá-lo o resto de sua vida:
- Estabelecida a comunicação com a facilidade que promete, a região Amazônica marchará com passos rápidos à posse de seus augustos destinos. Ela será no porvir o coração da vida intelectual e material da América do Sul, e o lugar onde se celebrará o grande banquete da raça latina. (Reyes, 1875b: 2)
- 57 Tal declaração contrasta com as ideologias geográficas (dominantes não só na Colômbia, mas de forte raiz europeia) que consideram a Amazônia, no melhor dos casos, como uma região para a extração de riquezas, e, no pior, um inferno verde.

No Rio de Janeiro com o Imperador Pedro II

- 58 Segundo suas *Memórias*, Reyes realiza a viagem de um mês até o Rio de Janeiro, capital do Império, onde é aguardado por representantes da imprensa e por um comissionado do imperador Dom Pedro II. É convidado a reunir-se com o monarca no dia seguinte, no palácio de São Cristóvão, onde seria celebrada a cerimônia de beija-mão. A cena descrita é uma das mais chamativas de toda a história: no meio dos “altos personagens do império”, condes, duques, barões, generais e almirantes em uniforme de gala que aguardavam a aparição de dom Pedro para beijar-lhe as mãos, o esfarrapado Reyes era olhado com desconfiança, “como um intruso”. No entanto, após o mestre de cerimônias anunciar o seu nome, acrescentando-lhe o título de “grande descobridor”, os convidados, familiarizados com a sua aventura pelos relatos da imprensa, passaram a “cumprimentá-lo com amostras de carinho” (p. 153).
- 59 Segundo Reyes, ele é conduzido ao gabinete de trabalho do monarca, que, admirando-se da sua juventude, parabeniza-o por sua longa e arriscada exploração e dedica mais de uma hora a escutar seu relato. Reyes afirma ter apresentado a Dom Pedro um mapa traçado por ele mesmo “desde o litoral da Colômbia, no Pacífico, até o do Brasil, no Atlântico” — do qual não parece existir rastro na mapoteca do Itamaraty — e ter despertado o interesse do imperador na possibilidade de ligar, com estradas e navios a vapor, as principais bacias hidrográficas do continente. Já no grande salão de recepções, Dom Pedro, tomando-o pelo braço, apresenta-o e o recomenda aos seus ministros e amigos ficando assim Reyes conectado com os mais importantes personagens do governo e da diplomacia do império.
- 60 Em particular — além de uma “multidão de personalidades notáveis da política, da imprensa e da sociedade”—, Reyes menciona em suas *Memórias* “o marquês de Rio Branco, chefe do Ministério” — referindo-se a José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco, efetivamente presidente do conselho de ministros até o 25 de junho desse mesmo 1875 —; o marquês de São Vicente, José Antônio Pimenta Bueno, que também tinha desempenhado o cargo que então ocupava Rio Branco e era então senador do império, que lhe “exigiu”, aliás, hospedar-se na sua casa; João Maurício Wanderley, barão de Cotegipe, que no futuro também iria ocupar a presidência do conselho e que então ocupava o cargo de ministro de relações exteriores — igual que os dois anteriores em diferentes momentos; “Nabuco, pai do que foi depois embaixador do Brasil em Washington”, isto é, José Tomás Nabuco de Araújo Filho, então senador pela Bahia, pai de Joaquim Nabuco, com efeito embaixador nos Estados Unidos de 1905 a 1910 — na mesma época em que Reyes foi presidente; o almirante Wandenkolk; e “o chefe do partido republicano Quintino Bocayuba”. Rodeado desses personagens, Reyes permanece dois meses no Rio de Janeiro, ocupando-se em “obter facilidades para a navegação entre o Amazonas e a Colômbia” (p. 154).
- 61 De fato, Reyes consegue que seu *affair* seja discutido no âmbito do Senado, na sessão de 6 de julho de 1875. Como registrado nos *Annaes* de dita corporação, o representante do Maranhão, Cândido Mendes de Almeida, apadrinhando a sua causa, aproveita a presença no recinto do Ministro da fazenda e assuntos estrangeiros, João Maurício Wanderley, barão de Cotegipe, para interrogar a opinião do governo acerca da petição elevada pelo jovem explorador colombiano (*Imperio do Brazil, 1875: 87-88*).
- 62 Para Almeida, a confirmação da navegabilidade do Içá, acerca da qual ainda persistiam dúvidas, constituía um “grande acontecimento” do ponto de vista geográfico, político e

comercial, e solicitava ao ministério outorgar a Reyes, em retribuição à sua “descoberta”, o pequeno favor sem importância que aquele solicitava, que não era outro senão a permissão para a navegação de trânsito pelo Amazonas com saída para o estrangeiro (Imperio do Brazil, 1875: 87). Cotegipe, por sua vez, afirmando não ter conhecimento direto da solicitude em questão, promete-lhe que irá examiná-la em seu devido tempo e em seus diversos ângulos. Inclusive, considera que o assunto deve ser tratado pelo Conselho de Estado, pois, em sua opinião, não era tão simples como parecia ao senador, que, ele mesmo, tinha no seu discurso feito notar algumas das dificuldades legais e diplomáticas que o caso envolvia, como eram a falta de um tratado com a república da Colômbia e, em geral, a ausência de relações amistosas entre ambos países (Imperio do Brazil, 1875: 88).

- 63 Dois longos meses depois, em 2 de setembro, Cotegipe, depois de consultar as seções da Fazenda e Justiça do Conselho de Estado, assim como as autoridades das províncias do Amazonas e do Pará, resolve finalmente, em nome do Imperador, conceder autorização à casa comercial dos irmãos Reyes, pelo prazo de três anos e isento de impostos, para transportar em “navios brasileiros” os gêneros e mercadorias que lhe fossem convenientes (Imperio do Brazil, 1879: 330-332 e Cotegipe, 1875; Luiz Cavalcanti de Albuquerque, inspetor de aduanas do Pará, amigo de Reyes e autor de um importante livro, já citado, sugere ter influenciado na decisão do governo imperial com relação a este assunto [Albuquerque, 1893: 55]).
- 64 O *Globo* do Rio de Janeiro do dia 12 de setembro publica, além da citada ordenança ministerial, fragmentos de uma carta de Reyes dirigida ao jornal, assinada no dia anterior, na qual o colombiano comemora a decisão “progressista e liberal” do governo imperial e anuncia que segue em direção ao Pará a fim de conseguir o vapor com qual irá subir o rio Putumayo (a carta completa, em espanhol, vai aparecer no mesmo jornal três dias depois [Reyes, 1875d: 2]).

O Tundama

- 65 O *Diário do Maranhão* registra a passagem de Reyes nessa província, a caminho do Amazonas, em meados de outubro, e ressalta a sua intenção em conseguir um vapor em Iquitos (*Diário do Maranhão*, 15 de outubro de 1875: 2), dado que, segundo as suas *Memórias* (p. 158), não se contava no Pará com uma embarcação apropriada disponível à venda, e no porto peruano parecia existir uma. No caminho, ele conhece e convida à aventura o jovem explorador inglês Alfred Simson, que vinha de descer o rio Napo desde a cidade de Quito — isto é, seguindo a rota usada por Orellana trezentos anos atrás (Simson, 1886). Reyes, que vinha em um pequeno vapor alugado no Pará e comandado por Francisco Furtado, lhe outorga a Simson o mando da lancha que o governo brasileiro tinha “posto às suas ordens” para que o acompanhasse nessa primeira viagem (*Memórias*: 158-159). Tanto a lancha quanto o vapor deviam dirigir-se à desembocadura do Putumayo e aguardar o retorno de Reyes de Iquitos, onde com efeito ele adquire um navio que batiza de *Tundama* em homenagem à sua província natal, e no qual retorna a Santo Antônio para reunir-se com o resto do comboio (*Memórias*: 159).
- 66 Numa nota biográfica, assinada por Gabriel Rosas e incluída num livro comemorativo de sua participação na guerra civil de 1895 (conservado na Sala de livros raros e manuscritos da Biblioteca Luis Ángel Arango de Bogotá), aparece a cena, narrada por Reyes, da entrada dos navios no rio Putumayo:

En la mañana del 21 de noviembre (1875) flotó por primera vez la bandera colombiana en el Amazonas. ¡Con cuánto júbilo, con cuánto entusiasmo la saludé!... A las ocho de la mañana la lancha (de la marina imperial brasilera, a órdenes del caballero inglés Alfredo Simson), levó anclas y a todo vapor penetró majestuosamente en el Putumayo. La despaché adelante a preparar el combustible para los otros dos vapores. El 30 del mismo mes el vapor *Santacruz*, al mando del brasilero señor Francisco Furtado, siguió las huellas de la lancha; nuevo regocijo, nuevo saludo a la bandera de la Patria. [...]

En fin, 16 de Enero (1876) tocó su turno al vapor *Tundama*, mandado por el señor Gabriel Pinedo, de Mompós, en el cual seguía yo. Dejámos el puerto de Tonantins en medio de hurras y gritos de entusiasmo de los brasileros: resonó una salva de cañón saludando nuestra bandera, que en la popa del buque se agitaba fuertemente; en la proa flotaba la brasilera, puesta por cortesía. (Rosas, 1895: 162)

67 A bandeira brasileira era içada talvez mais do que por cortesia, pois, lembre-se que a autorização imperial estipulava o trânsito de Reyes em “navios brasileiros”, o qual, de fato, não se cumpria exatamente, mas constituía uma hábil maneira por parte do Brasil de apresentar o assunto ao Peru, que considerava-se dono do rio Putumayo ao oeste da linha Tabatinga-Apaporis, mas que também tinha aberto seus rios em 1868, pouco depois do Brasil, à navegação comercial internacional.

68 Em um documento revelador, do dia 18 de dezembro — isto é, enquanto Reyes ainda aguardava em Tonantins a sua vez de entrar no rio Putumayo—, Lima, em resposta à autorização concedida ao colombiano pelo Brasil, expede instruções ao “comandante geral do departamento fluvial de Loreto” relativas à regulamentação da navegação e polícia do rio (“Declaração oficial”, *O Globo*, 14 de maio de 1876: 2). Para o autor das instruções, Nicolás Freire, ministro de relações exteriores do Peru, o surgimento de Reyes no Putumayo imprimia urgência à necessidade de estabelecer autoridades “militares e marítimas” nos pontos do rio que fossem mais convenientes com o objetivo de prevenir o contrabando e, especialmente, de “cuidar da integridade do território”, deixando, por outro lado, as questões aduaneiras para serem regulamentadas oportunamente pelo ministério da fazenda. Ou seja, o Peru não se opõe à navegação comercial de Reyes no Putumayo em si. De fato, como afirma o padre Gaspar de Pinell, missionário na região anos depois,

[es] digno de recordarse que el establecimiento de la navegación a vapor por los hermanos Reyes en el Putumayo no sólo no ocasionó protesta alguna por parte del Gobierno del Perú, sino que, [...], el vapor *Tundama*, en su primer viaje, fue despachado en Iquitos con patente concedida por las autoridades peruanas, indicándose claramente en los despachos que el buque se dirigía a puertos sobre el Putumayo, situados en territorio colombiano. (Pinell, 1929: 49-50)

Texto à Sociedade Geográfica de Paris

69 Com o que se ocupa Reyes durante os quase dois meses de vantagem que outorga à lancha de Simson e ao vapor de Furtado? Entre outras coisas, ele redige e envia à Sociedade Geográfica de Paris um erudito texto intitulado “Le fleuve des Amazones et ses affluents”, acerca da história e da geografia do grande rio e das suas próprias explorações no Putumayo (Reyes, 1876). Nesse texto, assinado no dia 11 de dezembro e de fato publicado no *Boletim* de dita Sociedade em julho seguinte, além de descrever o rio Amazonas e de recapitular a história da sua descoberta, Reyes comenta o recente desenvolvimento da navegação a vapor na região e o estado da exploração dos seus

principais afluentes, cuja navegabilidade e interconectividade ainda era em muitos casos desconhecida.

- 70 Além de apresentar o rio Putumayo e seus recursos exploráveis e de enunciar o impacto potencial de sua navegação no comércio do sul da Colômbia e do norte do Equador, Reyes estende-se na análise da interconectividade dos principais rios sul-americanos, o Amazonas, o Orinoco e o Paraná/Prata, assim como na descrição da maneira em que tais rios poderiam unir-se aos centros povoados através de caminhos terrestres, ideia que irá acompanhá-lo e que será promovida por ele em diversos foros daí em diante.
- 71 O parágrafo final do texto revela alguns ângulos do fundo geopolítico do pensamento de Reyes, ao que anos depois ele irá referir-se como “Pan-ibero-americanismo” (veja-se: Ramírez, 2017):

Para que la navegación de estos ríos se organice, los gobiernos de Colombia y del Ecuador deben apoyar y fomentar decididamente las empresas que se funden en los territorios regados por dichos cursos de agua y unir sus puertos, a través de vías terrestres, con los centros de población. Si cada país ribereño realiza lo propio, se disiparán las tinieblas que envuelven aún hoy las regiones del Amazonas, los capitalistas americanos y europeos formarán empresas agrícolas y mineras, de exportación y de importación, y el comercio vencerá todos los obstáculos que traten de detenerlo: entonces, los diversos pueblos hispano-americanos, actualmente tan desunidos y desconocidos los unos de los otros, establecerán entre ellos relaciones constantes y estrechas sobre el río-mar. (Reyes, 1876: 195)

Primeira viagem a vapor pelo rio Putumayo

- 72 O vapor de Furtado não consegue chegar até La Sofía: é atacado por febres que dizimam a tripulação e retorna ao Pará com os sobreviventes (*Memorias*: 60).
- 73 No início de fevereiro, depois de percorrida a metade do rio, Reyes se encontra com a lancha brasileira comandada por Simson, que retornava para buscá-lo após ter conseguido chegar ao ponto final da navegação (ao qual Reyes, em português e em francês, refere-se como São José, e não como La Sofía). Sabe-se isso, pois, no início de abril, os jornais brasileiros publicam uma carta assinada no dia 5 de fevereiro em que Reyes declara “resolvido” o problema da navegação a vapor no rio Putumayo e anuncia que chegará a seu destino (La Sofía) seis ou sete dias mais tarde; segundo seus cálculos, ele chegaria ao Pará no final de abril (“A navegação do Içá ou Potomayo até a Colombia, é já factó consumado”, *Jornal do Recife*, 4 de junho de 1876: 1).
- 74 Não sem incidentes, Reyes com efeito consegue chegar a La Sofía, onde se encontra com os irmãos Néstor e Enrique, que tinham a tarefa de conseguir e transportar até esse ponto os sacos de quina, tarefa que requereu a mobilização de centenas de trabalhadores, a abertura de caminhos e o cultivo de alimentos (*Memorias*: 181).
- 75 Reyes carrega o *Tundama* e, precedido por Simson, parte de novo rio abaixo. Em certo ponto, ao errar o braço principal, o vapor encalha na areia e obriga Reyes a aguardar por mais de dois meses uma crescente favorável capaz de levá-lo novamente ao canal principal (*Memorias*: 181-183). Simson deveu ter arribado ao Amazonas no final de março, pois nessa data aparecem notícias vindas de São José nos jornais da região. Finalmente, Reyes chega a Tonantins no dia 4 de maio, segundo a imprensa, com uma carga de 4.000 arrobas (ou 55 toneladas), dois terços dela composta de quina e o resto de borracha e salsaparrilha. Reyes continua em direção ao Pará no vapor *Augusto* a fim de seguir para os Estados Unidos em busca de um vapor mais apropriado ao seu

empreendimento (“O Peru e a navegação do Içá”, *Diario do Maranhão*, 30 de maio de 1876: 2).

- 76 Segundo as suas *Memórias*, após vender em Nova Iorque seu carregamento de quina, Reyes dirige-se a Wilmington, em Delaware, onde encomenda a construção de um luxuoso vapor, que batiza de *Colômbia* — vê-se que os nomes das embarcações, assim como os topônimos, serviam, no contexto das disputas limítrofes, para marcar território —, equipado com uma confortável cabine, no qual pensava voltar ao Amazonas e passar anos explorando seus rios. Contrário a seus planos, Reyes é chamado com urgência a Londres e decide enviar o *Colômbia* aguardar por ele ao Pará, onde o explorador apresenta-se um mês depois para descobrir pelo telégrafo que seu navio, que devia ter chegado muito antes dele, tinha naufragado nas imediações da ilha de Trindade (*Memórias*: 184-185).

Mapa do rio Putumayo ou Içá

- 77 A perda do *Colômbia* obriga Reyes a fretar o vapor *Fortaleza* do capitão português Francisco A. Bissáu. Com ele, Reyes levanta, com base em observações feitas com bússola e na medição de tempos de navegação, uma carta do rio Putumayo que publica em Nova Iorque em 1877.

Figura 4: Mapa de Rafael Reyes e Francisco Bissáu do rio Putumayo ou Içá, 1877



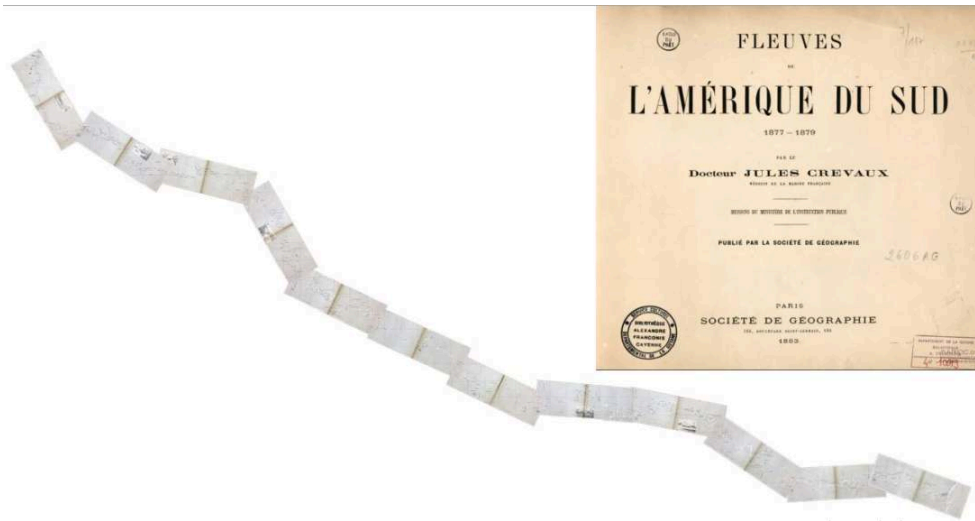
Fonte: Biblioteca Virtual – Biblioteca Luis Ángel Arango, Bogotá: <<http://babel.banrepcultural.org/cdm/ref/collection/p17054coll13/id/241>>. Montagem do autor.

- 78 Trata-se de um mapa em cinco folhas, quatro das quais representam o rio desde o ponto de Cantinera, na parte alta — “ponto de descarga do vapor quando o rio não oferece água suficiente para subir a S. José de Guamuéz” (Albuquerque, 1894: 110) — até o porto de Tonantins na desembocadura, com a quinta folha dedicada à região dos Andes do sul da Colômbia entre o mar Pacífico e as nascentes dos rios amazônicos.
- 79 O mapa do rio, bastante rico em informações até então inéditas, registra mais de 150 topônimos ao longo do curso, assim como uma trintena dos seus tributários, no entanto, sem qualquer alusão, por motivos diplomáticos, a questões limítrofes. A quinta folha baseia-se no já citado mapa de Codazzi, Paz y León de 1865, com algumas diferenças, a mais importante delas o caminho de Pasto a Mocoa, que, ao invés de se

alongar em direção a Puerto Limón, na bacia do Caquetá, gira em direção ao Guineo, afluente do Putumayo e ponto inicial do transporte da quina para La Sofia em canoas.

- 80 O mapa de Reyes pode ser comparado com aquele elaborado pelo médico francês Jules Crevaux, que navegou o rio poucos anos depois, em 1879, utilizando navios do colombiano, apesar de não o ter conhecido pessoalmente. Esse e outros mapas de rios amazônicos elaborados por Crevaux foram publicados postumamente pela Sociedade de Geografia de Paris em 1883, após a morte do francês nas mãos de índios Tobas no rio Pilcomayo no ano anterior (Crevaux, 1883a). De fato, existem referências cruzadas entre ambos exploradores, e, inclusive, Crevaux afirma explicitamente ter tido como motivação da sua viagem por este rio retificar o mapa de Reyes (Crevaux, 1883b). O colombiano, por sua vez, acusa o francês de maus tratos contra os índios. Mais ainda, o rio Rafael Reyes, afluente do Putumayo que permaneceu nos mapas até o início do século XX, parece ter origem na cartografia de Crevaux.

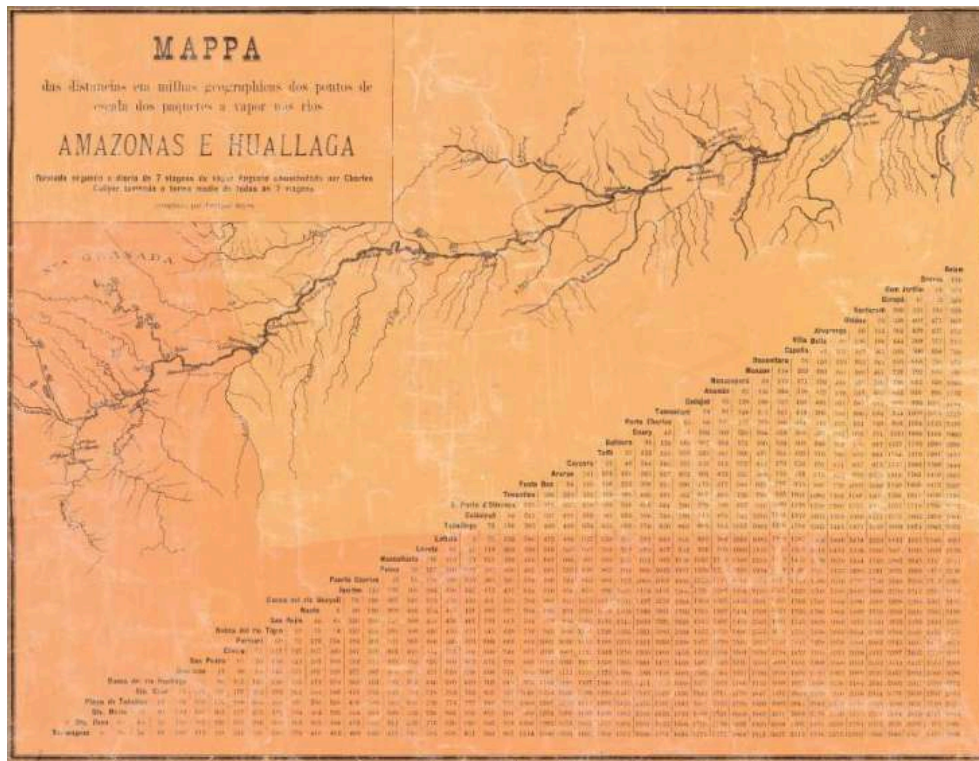
Figura 5: Mapa em 12 folhas do rio Içá elaborado por Jules Crevaux, 1883



Fonte: Jules Crevaux, *Fleuves de l'Amérique du Sud (1877-1879)*. Paris, Société de Géographie, 1883. Disponível em: Manioc : Bibliothèque numérique Caraïbe Amazonie Plateau des Guyanes: <<http://www.manioc.org/patrimon/FRA11022>>. Montagem do autor.

- 81 Aquele não foi o único mapa publicado por Reyes durante a sua fase amazônica. Aproveitando as suas inumeráveis subidas e descidas, assim como os dados fornecidos pelo vapor *Augusto* — cujo capitão, como sabemos, era amigo de Reyes —, o colombiano elaborou e publicou, também em 1877, um “Mappa das distancias em milhas geographicas dos pontos de escala dos paquetes a vapor nos rios Amazonas e Huallaga”, segundo a legenda “formado segundo o diário de 7 viagens do vapor ‘Augusto’ commandado por Charles Collyer”. O código de cores usado neste mapa é revelador: a ligeira mudança de tonalidade nas cores da Colômbia e o Brasil revela que, enquanto Reyes defende no seu país as fronteiras indicadas no mapa de 1865, no seu discurso para o Brasil ele reconhece a linha Tabatinga-Aporis como limite.

Figura 6: “Mapa das distancias em milhas geographicas dos pontos de escala dos paquetes a vapor nos rios Amazonas e Huallaga”, compilado por Rafael Reyes, 1877



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Rio de Janeiro. Agradeço novamente ao Professor Sergio Nunes Pereira da Universidade Federal Fluminense (UFF) a sua ajuda na consecução da imagem.

Fim das expedições amazônicas de Rafael Reyes

- 82 Em La Sofia, mais uma vez, carregar o vapor e retornar ao Pará, seguir para a Europa e os Estados Unidos para conduzir seus negócios e encaminhar-se de volta à Colômbia, às vezes pela via do Amazonas, às vezes pela do Panamá, com paradas eventuais de alguns dias em Popayán, onde o aguardava a sua esposa, Sofía Angulo — com quem tinha se casado em 1877 — e sua cada ano mais numerosa descendência.
- 83 Nesse ritmo frenético Reyes se manteve até 1884, ano em que, devido ao sucesso das plantações inglesas e holandesas de quina no sudeste asiático — igual ao que acontecerá com a borracha alguns decênios depois —, os preços afundam e as exportações sul-americanas praticamente desaparecem (Hoogte, 2015), o que leva a empresa de Reyes para a falência.
- 84 Reyes afirma em vários lugares ter realizado ele mesmo, assim como seus irmãos — principalmente Enrique —, explorações através de outros importantes rios da bacia amazônica, e assim o registra tanto no seu mapa de 1902 como um noutro de 1914, que acompanha uma palestra proferida por ele na universidade da Sorbonne (Reyes, 1914). No entanto, ainda não foi possível encontrar evidências documentais de tais explorações.

Figura 7: Explorações e viagens de Rafael Reyes na América do Sul



Mapa que acompanha a palestra oferecida por Reyes na Sorbonne em 1914. Reyes distingue suas "explorações" pela Amazônia da "excursão" turística pan-americana levada a cabo por ele em 1913. Agradeço ao pesquisador Chet Van Duzer, da Universidade de Rochester, pela ajuda na consecução da imagem.

Biblioteca da Universidade Vanderbilt

- 85 Reyes e irmãos, pressentindo a instabilidade dos preços da casca de quina, intensificam seu interesse na borracha, que estava em plena ascensão. No entanto, seus acampamentos resultam uma e outra vez assolados pela febre amarela, que dizima radicalmente o número dos trabalhadores e torna inviável o empreendimento. Néstor Reyes, ao explorar em procura de goma, é devorado em 1881 por índios canibais (*Memorias*: 174), enquanto Enrique, que decide insistir na borracha, morre de febre amarela em 1886, depois de uma longa expedição pelo rio Yavarí (*Memorias*: 166).

Figura 8: Explorações dos irmãos Reyes e interconexão entre a rede fluvial sul-americana e a ferrovia pan-americana



O “Mapa que muestra las exploraciones hechas por los Hermanos Reyes en la América del Sur y la línea del proyectado Ferrocarril Intercontinental” acompanha o relato oferecido por Rafael Reyes como delegado da Colômbia na Segunda Conferência Internacional Americana, ocorrida na Cidade do México entre o final de 1901 e o início de 1902. O mapa apresenta a maneira em que podia ligar-se, através de ramais, a colossal rede fluvial sul-americana com o projeto da ferrovia pan-americana que era discutido e encontrava-se a cargo da Conferência.

Além das explorações dos irmãos Reyes, o mapa mostra os trechos de ferrovia já existentes, as prolongações do projeto da ferrovia intercontinental, os ramais que poderiam dirigir-se em direção aos rios navegáveis mais próximos, a presença de índios antropófagos, as regiões produtoras de borracha e cacau, as regiões ricas em minerais da cordilheira dos Andes e as grandes savanas aptas para a criação de gado.

Fonte: Reyes, Rafael. A través de la América del Sur. Exploraciones de los Hermanos Reyes. Trabajo presentado en la II Conferencia Pan-Americana reunida en México por el General R. Reyes, delegado de Colombia. México – Barcelona: Ramón de S. N. Araluce, 1902. Disponível na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional da Colômbia: <https://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/164786/0>. Um exemplar conserva-se na Biblioteca Conjunta das Ciências da Terra da Universidade Nacional Autônoma do México. O livro e o mapa foram reeditados em 1979, em Bogotá, pela Flota Mercante Grancolombiana.

Epílogo

- 86 Rafael Reyes, que se encaminhava para a Argentina com a ideia de refazer seu capital, termina envolvendo-se na guerra civil de 1884-1885 e jogando nela um papel destacado. Por esse caminho, interessa à política nacional, primeiro como deputado constituinte em 1885 e 1886, logo como ministro de diferentes carteiras e, após a guerra de 1895, da qual também é protagonista, como representante colombiano em diferentes países da Europa (Lemaitre, 1981).
- 87 Depois de um par de anos no México, retorna à Colômbia justo a tempo para presenciar a separação do Panamá, em novembro de 1903. Mais ainda, ele encabeça a delegação

colombiana enviada especialmente a Washington com a vã ilusão de reverter a situação. À Colômbia sempre pareceram excessivas e lesivas para a soberania nacional as exigências dos Estados Unidos em relação à abertura do canal, e agora via perder-se para sempre o istmo inteiro.

- 88 Como presidente da república, a partir do ano seguinte — não sem resistência —, Reyes intervém radicalmente nas questões territoriais da nação, promovendo, por um lado, a divisão dos oito departamentos restantes em mais de trinta novas unidades administrativas, e, por outro lado, buscando a resolução dos conflitos limítrofes que o país mantinha abertos em todas as frentes.
- 89 Em 1905 a Colômbia firma com o Peru um acordo de *modus vivendi* que estabelece como limite entre ambos países o rio Putumayo — e não o Caquetá, como aspirava o Peru. Decerto, seus dez anos de navegações constantes naquele rio, autorizadas pelo Brasil e nunca contestadas pelo Peru, estabeleceram um precedente fundamental para tal determinação, que ficou como ponto de partida das disputas — incluindo uma guerra em 1932 — e dos acordos entre ambos países nos anos vinte e trinta do século XX.
- 90 O capítulo de Reyes no Amazonas não é importante apenas por ter sido decisivo na definição de uma extensa e importante linha limítrofe, mas porque, por um lado, com seus escritos e navegações, Reyes colocou em questão o “andino-centrismo” tradicional das elites governantes do país, elevadas em Bogotá, e, ao mesmo tempo, promoveu vigorosamente, em diferentes e importantes foros, projetos análogos aos que hoje conhecemos como de “integração sul-americana”.
- 91 No começo da aventura, respondendo à citada Lei 53 de junho de 1874 acerca da colonização do Caquetá e da navegação dos rios Putumayo e Napo, o advogado dos irmãos Reyes em Bogotá, José Prieto Solano, em 9 de dezembro do mesmo ano — ou seja, ao tempo que Reyes se encontrava no Sibundoy ou com os índios Mocoas na floresta —, solicita ao governo colombiano concessões em tais territórios, comprometendo-se não apenas a estabelecer a navegação a vapor naqueles rios, mas a fundar nas suas margens pelo menos duas colônias “nos pontos mais próximos da fronteira do Equador, o Brasil e o Peru que representassem maiores facilidades para elas”, solicitando em troca exclusividade para explorar os imensos territórios amazônicos do país durante cinco anos e 60.000 hectares em propriedade (Prieto, 1875: 2). O mesmo Prieto, impaciente, reitera a solicitação em 30 de abril do ano seguinte, ou seja, encontrando-se já Reyes no rio Amazonas. Só meses depois, em 24 de novembro — isto é, enquanto Reyes se preparava para entrar com o *Tundama* pela primeira vez no rio Putumayo —, o Secretário da fazenda e fomento, Nicolás Esguerra, decide finalmente negar a petição dos irmãos Reyes — únicos proponentes — considerando que não era conveniente nem favorável para a nação outorgar-lhes as concessões solicitadas quando, em compensação, “apenas ofereciam fazer aquilo que em qualquer caso precisariam para tirar o maior proveito possível da empresa” (Esguerra, 1876: 128). Como é sabido, desde o ponto de vista colombiano, a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX significaram não apenas a perda do ponto geoestratégico mais importante do país — como era o istmo de Panamá —, mas a de imensos fundos territoriais nas regiões amazônicas e suas saídas autônomas ao grande rio continental.

BIBLIOGRAFIA

Acuña, Cristóbal de. *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas*. Madrid: Imprenta del Reyno, 1641. Disponível na Biblioteca Digital Hispânica – Biblioteca Nacional da Espanha: <<http://bdh.bne.es/bnsearch/detalle/bdh0000056584>>.

Albuquerque, Luiz R. Cavalcanti de. *A Amazonia em 1893*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894. Disponível na Biblioteca Virtual do Amazonas: <https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/amazonia_em_1893>.

André, Édouard. “L’Amérique Équinoxiale (Colombie – Équateur – Pérou)”. *Le Tour du Monde* 38 (1879): 273–368. Disponível em Gallica – Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional da França: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k344119/f276>>.

Azevedo, José da Costa. “Carta do rio Iça”. [Rio de Janeiro]: Lithographia do Archivo Militar, 1868. Disponível na Biblioteca Digital Luso-Brasileira: <<http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/48313>>.

Bastos, Carlos Augusto, e Siméia de Nazaré Lopes. “Comercio, conflictos y alianzas en la frontera luso-española: Capitanía de Río Negro y provincia de Maynas, 1780-1820”. *Procesos: revista ecuatoriana de historia*, n° 41 (2015): 83–108. DOI: 10.29078/rp.v1i41.546

Cotegipe, Barão de. “Instruções para o commercio entre os portos do Amazonas e o interior da republica da Colombia, pelo rio Içá ou Potomayo”. *O Globo*. 12 de setembro de 1875: 1. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil: <<http://memoria.bn.br/docreader/369381/1567>>.

Crevaux, Jules. *Fleuves de l’Amérique du Sud (1877-1879)*. Paris: Société de Géographie, 1883. Disponível em Manioc – Biblioteca Digital Caribe Amazônia Planalto das Guianas: <<http://www.manioc.org/patrimon/FRA11022>>.

———. *Voyages dans l’Amérique du Sud*. Paris: Hachette, 1883. Digitalizado pelo Getty Research Institute. Disponível em Internet Archive: <<http://archive.org/details/voyagesdanslamer00crev>>.

“Declaração official”. *O Globo*. 14 de maio de 1876: 2. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil: <<http://memoria.bn.br/DocReader/369381/2524>>.

Diário do Maranhão. 15 de outubro de 1875: 2. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720011/5193>>.

Esguerra, Nicolas. *Memoria del Secretario de Hacienda i Fomento dirigida al Presidente de los Estados Unidos de Colombia para el Congreso de 1876*. Bogotá: Imprenta de Gaitan, 1876. Disponível na Biblioteca Virtual da Biblioteca Luis Ángel Arango: <<http://babel.banrepcultural.org/cdm/ref/collection/p17054coll10/id/2595>>.

Estados Unidos de Colombia. “Ley 53 de 20 de junio de 1874. Por la cual se fomenta la colonización del Territorio del Caquetá i se promueve la navegación de los ríos Putumayo i Napo”. *Diario Oficial*, n° 3195 (26 de junho de 1874): 3. Disponível em Juriscol – Sistema Único de Informação Normativa – Ministério da Justiça da Colômbia: <<http://www.suin-juriscol.gov.co/viewDocument.asp?id=1607193>>.

Garner, Paul. *Porfirio Díaz: Entre el mito y la historia*. México: Crítica, 2015.

Imperio do Brazil. *Annaes do Senado do Imperio do Brazil*. Vol. III. 4ª Sessão da 15ª Legislatura. De 1 a 31 de julho de 1875. Rio de Janeiro: Typ. do Diario do Rio de Janeiro, 1875. Disponível na

Biblioteca Digital do Senado Federal do Brasil: <http://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf-digitalizado/Anais_Imperio/1875/1875%20Livro%204.pdf>.

———. *Collección das decisões do Governo do Imperio do Brazil de 1878*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1879. Disponível na Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados do Brasil: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/18666/collecao_leis_1878_parte2.pdf>.

Lemaitre, Eduardo. *Rafael Reyes: biografía de un gran colombiano*. 4º ed. Bogotá: Banco de la República, 1981.

Maroni, Pablo. *Noticias auténticas del famoso río Marañón y misión apostólica de la Compañía de Jesús de la provincia de Quito en los dilatados bosques de dicho río*. Organizado por Marcos Jiménez de la Espada. Madrid: Establecimiento Tipográfico de Fortanet, 1889. Disponível na Biblioteca Digital AECID: <<http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/es/consulta/registro.cmd?id=647>>.

———. “Noticias autenticas del famoso Rio Marañón y Mission Apostolica de la Compañía de Jhs de la Provincia de Quito en los dilatados Bosques de dicho Rio”. Quito, 1738. Disponível na Biblioteca Digital da Real Academia da História da Espanha: <<https://bibliotecadigital.rah.es/es/consulta/registro.do?id=6150>>.

Martínez Pinzón, Felipe. *Una cultura de invernadero: trópico y civilización en Colombia (1808-1928)*. Madrid: Iberoamericana, 2016.

Motta Vargas, Ricardo. *Ordenamiento territorial en el Quinquenio de Rafael Reyes*. Bogotá: Ediciones Doctrina y Ley Ltda, 2005.

Nieto Olarte, Mauricio. *Orden natural y orden social: ciencia y política en el Semanario del nuevo reyno de Granada*. Bogotá D.C: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales-CESO, Departamento de Historia, 2009.

Novak, Fabián, e Sandra Namihás. *As relações entre Peru e Brasil, 1826-2012*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2013. Disponível na Fundação Konrad-Adenauer: <<http://www.kas.de/wf/doc/12620-1442-5-30.pdf>>.

“O Peru e a navegação do Içà”. *Diario do Maranhão*. 30 de maio de 1876: 2. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720011/5911>>.

Obando, José María. *Episodios de la vida del General José María Obando: su viaje al Perú por el Putumayo y el Marañón*. Popayán: Imprenta del Estado, 1880. Disponível na Biblioteca Virtual da Biblioteca Luis Ángel Arango: <<http://babel.banrepcultural.org/cdm/ref/collection/p17054coll10/id/1173>>.

Pinell, Gaspar de. *Excursión apostólica por los ríos Putumayo, San Miguel de Sucumbíos, Cuyabeno, Caquetá y Caguán*. Bogotá: Imprenta Nacional, 1929. Disponível na Biblioteca Digital AECID: <<http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/i18n/consulta/registro.cmd?id=642>>.

Prieto Solano, José. “Proposta sobre a colonização do território do Coquetá e navegação a vapor dos rios Napo e Potumayo e resolução”. *O Globo*. 12 de março de 1875: 2. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil: <<http://memoria.bn.br/DocReader/369381/2284>>.

Quinche Castaño, Carlos Andrés. “El Quinquenio de Rafael Reyes y la transformación del mapa político-administrativo colombiano”. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura* 38, n° 1 (2011): 51–78. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-24562011000100003&lng=en&nrm=iso>.

Ramírez Palacios, David Alejandro. “A Nueva Geografía de Colombia de Francisco Javier Vergara y Velasco (1901) [1902]”. Tese de Doutorado, Departamento de Geografía Humana - Universidade de

São Paulo, 2015. Disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-09102015-135247/pt-br.php>>.

———. “Rafael Reyes e o rio Putumayo ou Içá: Explorações amazônicas, cartografia e diplomacia (1874-1907)”. *Terra Brasilis (Nova Série)*. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, nº 5 (2015). DOI: <<https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1744>>.

———. “El General Colombiano Rafael Reyes en México: su participación en la Segunda Conferencia Panamericana, su proyecto de interconexión continental fluvial-ferroviaria, su concepto de ‘Pan-Ibero-Americanismo’ y la influencia del porfiriismo en su posterior administración”. In *Memorias del XVIII Congreso Colombiano de Historia*, XVIII:30-47. 15. Medellín, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=0Bz__9vRYbBBiOUtKZDQxNmczMzA>.

Requena, Francisco. “Mapa de una parte de la America Meridional en que se manifiestan los paises pertenecientes al Nuevo Reyno de Granada y Capitanía General de Caracas de los dominios de nuestro muy augusto soberano que confinan con los establecimientos de su magestad fidelisima para acompañar a la relacion sobre las operaciones executadas en la demarcacion de limites por la quarta partida de divicion”. 1783. Disponível na Library of Congress Geography and Map Division (Washington): <<http://www.loc.gov/item/2003684535/>>.

Reyes, Rafael. “A região amazônica e as republicas ribeirinhas”. *O Liberal do Pará*, 1º de junho de 1875a: 1. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil: <<http://memoria.bn.br/DocReader/704555/6066>>.

———. “[Comunicações entre a Colombia e o Brasil]”. *O Liberal do Pará*, 5 de junho de 1875b: 2. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil: <<http://memoria.bn.br/docreader/704555/6083>>.

———. “L’Amérique du Sud. Communications entre la Colombie et le Brésil”. *L’Explorateur. Journal Géographique et Commercial* II, nº 37 (1875c): 367-69. Disponível em Google Books: <<https://books.google.com.br/books?id=j5gvAAAAYAAJ&hl=es&pg=PP7#v=onepage&q&f=false>>.

———. “Comunicacion entre el Brazil y Colombia por el rio Içá ó Putumayo”. *O Globo*. 15 de setembro de 1875d: 2. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil: <<http://memoria.bn.br/docreader/369381/1580>>.

———. “Le Fleuve des Amazones et ses affluents”. *Bulletin de la Société de Géographie* 6, nº 12 (julho de 1876): 185-95. Disponível em Gallica - Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional da França: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k377099/f186>>.

———. *A través de la América del Sur. Exploraciones de los Hermanos Reyes. Trabajo presentado en la II Conferencia Pan-Americana reunida en México por el General R. Reyes, delegado de Colombia*. México - Barcelona: Ramón de S. N. Araluce, 1902. Disponível na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional da Colômbia: <https://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/164786/0>.

———. *Conferencia en el gran anfiteatro de la Sorbona, presidida por el senador Mr. Paul Doumer, y con el patrocinio del Comité France-Amérique, la noche del 6 de mayo de 1914*. Paris: Wellhoff et Roche, 1914.

———. *A través de la América del Sur — Exploraciones de los Hermanos Reyes — Trabajo presentado en la II Conferencia Pan-Americana reunida en México por el General R. Reyes, delegado de Colombia*. Bogotá: Flota Mercante Grancolombiana, 1979.

———. *Memorias, 1850-1885*. 1a ed. Bogotá: Fondo Cultural Cafetero, 1986.

Roersch Van Der Hoogte, Arjo. “Colonial Agro-Industrialism. Science, Industry and the State in the Dutch Golden Alkaloid Age, 1850-1950”. Dissertation, Utrecht University, 2015. Disponível no

Utrecht University Repository: <<https://dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/323947/roersch.pdf>>.

Rosas, Gabriel. "Biografía del General Reyes". In *Revolución de 1895. Documentos relativos a la campaña del Gral. Rafael Reyes. Homenaje al Héroe de Encizo en el primer aniversario de su gloriosa jornada*, 159–78. Bogotá: Imprenta de Samper Matiz, 1896. Disponível na Sala de Livros Raros e Manuscritos da Biblioteca Luis Ángel Arango de Bogotá.

Salamanca Torres, Demetrio. *La Amazonia Colombiana: Estudio geográfico, histórico y jurídico en defensa del derecho territorial de Colombia*. Bogotá: República de Colombia – Imprenta Nacional, 1916. Volume 1 disponível na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional da Colômbia: <https://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/133546/0>; Volume 2 disponível na Sala de Livros Raros e Manuscritos da Biblioteca Luis Ángel Arango de Bogotá.

Serje, Margarita. *El revés de la nación: territorios salvajes, fronteras y tierras de nadie*. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2005.

Simson, Alfred. *Travels in the Wilds of Ecuador, and the Exploration of the Putumayo River*. London: S. Low, Marston, Searle, and Rivington, 1886. Digitalizado pela Universidade de Toronto. Disponível em Internet Archive: <<http://archive.org/details/travelsinwildsof00sims>>.

Teffé, Barão de. "Planta Hydrografica de uma parte do rio Içá ou Putumayo que contem os dous marcos solememente assentados pela commissão mixta Brasileira - Peruana e a fronteira respectiva no intervalo entre os ditos padrões". [Rio de Janeiro]: Lito. do Archivo Militar, 1873. Disponível na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=96208>.

Uribe Uribe, Rafael. *La soberanía de Colombia en el Putumayo. Documentos que se publican de orden del Senado de la República*. Bogotá: Imprenta Nacional, 1912. Disponível no Collection Development Department – Widener Library – Harvard College Library – Harvard University: <<http://nrs.harvard.edu/urn-3:FHCL:1182589>>.

Zárate, Carlos G. *Extracción de quina: la configuración del espacio andino-amazónico de fines del siglo XIX*. 1. ed. Historia y ambiente. Bogotá, D.C., Colombia: Universidad Nacional de Colombia, Sede Leticia, Instituto Amazónico de Investigaciones, 2001. Disponível no Repositório Institucional da Biblioteca Digital da Universidade Nacional da Colômbia: <<http://bdigital.unal.edu.co/3722>>.

———. *Silvícolas, siringueros y agentes estatales: el surgimiento de una sociedad transfronteriza en la Amazonía de Brasil, Perú y Colombia 1880-1932*. 1. ed. Leticia: Universidad Nacional de Colombia, Sede Amazonia : Instituto Amazónico de Investigaciones-Imani : Saber y Gestión Ambiental, 2008.

ANEXOS

Arquivos e bibliotecas consultados

Archivo General de la Nación – Bogotá, Colombia

Biblioteca Conjunta de Ciencias de la Tierra – Universidad Nacional Autónoma de México

Biblioteca Digital – Biblioteca Nacional de Colombia
https://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/bd

Biblioteca Digital – Câmara dos Deputados do Brasil
<http://bd.camara.gov.br/bd>

Biblioteca Digital de la Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID)

<http://www.aecid.es/ES/biblioteca/biblioteca-digital>

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo

<https://teses.usp.br>

Biblioteca Digital Hispánica – Biblioteca Nacional de España

<http://bdh.bne.es>

Biblioteca Digital Luso-Brasileira

<http://bdlb.bn.gov.br>

Biblioteca Digital – Senado Federal do Brasil

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/>

Biblioteca Digital – Real Academia de la Historia

<https://bibliotecadigital.rah.es>

Biblioteca Nacional Digital – Biblioteca Nacional do Brasil

<https://bndigital.bn.gov.br>

Biblioteca Virtual – Biblioteca Luis Ángel Arango

<http://www.banrepcultural.org/biblioteca-virtual>

Biblioteca Virtual do Amazonas

<http://bv.cultura.am.gov.br>

Collection Development Department – Widener Library - Harvard College Library - Harvard University

<https://library.harvard.edu/libraries/widener>

Gallica – Bibliothèque Numérique de la Bibliothèque Nationale de France

<http://gallica.bnf.fr>

Google Books

<https://books.google.com>

Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional do Brasil

<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Internet Archive

<https://archive.org>

Juriscol – Sistema Único de Informação Normativa – Ministerio de Justicia de Colombia

<http://www.suin-juriscol.gov.co>

Konrad-Adenauer-Stiftung

<http://www.kas.de/>

Library of Congress Geography and Map Division

<https://www.loc.gov/search/?fa=partof:geography+and+map+division>

Manioc – Bibliothèque numérique Caraïbe Amazonie Plateau des Guyanes

<http://www.manioc.org>

Repositorio Digital – Biblioteca Nacional del Ecuador

<http://repositorio.casadelacultura.gob.ec>

Repositorio Institucional – Biblioteca Digital – Universidad Nacional de Colombia
<http://bdigital.unal.edu.co/>

Sala de Libros Raros y Manuscritos – Biblioteca Luis Ángel Arango (Bogotá)

Utrecht University Repository
<https://dspace.library.uu.nl>

NOTAS

1. No Arquivo Geral da Nação da Colômbia, em Bogotá, na seção do Arquivo Histórico Legislativo, existem diversos volumes, ainda inexplorados, com inúmeros telegramas e relatórios elaborados por comissões oficiais e cidadãos particulares acerca das questões da “Divisão Territorial” (estante 3, cara A, bandejas 12, 13 e 14).

2. Concebidas como cartas a seus filhos e ditadas a um deles durante as viagens efetuadas por Reyes ao Velho Mundo após sua renúncia à presidência da Colômbia em 1909, as *Memorias* de Reyes constituem a principal fonte de informação relativa à sua infância, seus inícios na exploração da quina e sua primeira expedição pelo Putumayo. Foram publicadas, parcialmente, em 1986. Se desconhece se sobrevive em alguma parte a que devia ter sido a monumental correspondência do personagem.

RESUMOS

Na tentativa de estabelecer uma rota alternativa à do Pacífico e à ferroviária do Panamá para transportar a valiosa casca de quina das montanhas andinas até os mercados do Atlântico Norte, Rafael Reyes (que seria presidente da Colômbia anos depois) explorou em 1874 e inaugurou no ano seguinte a navegação a vapor pelo rio Içá ou Putumayo. Reyes, que conseguiu manter o comércio de quina, pela via do Pará, até a queda mundial dos preços do produto em 1884, descreveu as suas viagens, explorações e projetos em múltiplas palestras e escritos e, inclusive, elaborou e publicou mapas a respeito deles. A imprensa, em particular a brasileira, acompanhou toda a aventura, que, por ter ocorrido em território contestado, esteve impregnada de conteúdo geopolítico e desafios diplomáticos. Recentemente, a historiografia tem começado a avaliar o significado da obra de Reyes para a história territorial da região.

Con la idea de establecer una ruta alternativa a la del mar Pacífico y el ferrocarril de Panamá para transportar la valiosa cáscara de quina desde las montañas andinas hasta los mercados del Atlántico Norte, Rafael Reyes —quien llegaría a ser presidente de Colombia tiempo después—, exploró en 1874 e inauguró en el año siguiente la navegación a vapor por el río Içá o Putumayo, logrando mantener este comercio, por la vía del Pará, hasta la caída mundial de los precios de este producto en 1884. Reyes, hombre de pluma, describió sus exploraciones, viajes y proyectos en múltiples conferencias y escritos, e incluso llegó a elaborar y publicar mapas al respecto. La prensa, en particular la brasilera, siguió toda la aventura, la cual, por haber ocurrido en territorio en disputa, se encontró llena de contenido geopolítico y de desafíos diplomáticos. Recientemente, la historiografía ha comenzado a evaluar su significado para la historia territorial de la región.

In an effort to establish a route other than the Pacific Ocean and the Panama Railway to take valuable cinchona bark from the Andean mountains to the markets of the North Atlantic, Rafael Reyes —who decades later would become the president of Colombia— went exploring in 1874, and the next year established steam navigation on the Içá or Putumayo River and continued this commerce, by way of Pará, until cinchona prices fell in 1884. Reyes, a man of a literary bent, described his explorations, travels and projects in multiple lectures and texts, and even published maps of them. The press, particularly the Brazilian press, followed the whole adventure, which, because it happened in disputed territory, was full of geopolitical import and diplomatic challenges. In recent times, scholars have started to evaluate its meaning for the territorial history of the region.

Essayant d'établir une route autre que l'océan Pacifique et le chemin de fer de Panama pour transporter l'écorce de quinquina des montagnes andines vers les marchés de l'Atlantique Nord, Rafael Reyes – qui deviendra, des décennies plus tard, président de la Colombie –, a exploré en 1874 et ouvert l'année suivante la navigation à vapeur sur la rivière Içá ou Putumayo, tout en réussissant à garder ce commerce, par la voie du Pará, jusqu'à la chute des prix de ce produit en 1884. Reyes, un homme de plume, a décrit ses explorations, voyages et projets à l'occasion de plusieurs conférences et dans divers textes, et il a même publié des cartes à leur sujet. La presse, la brésilienne en particulier, a suivi toute l'aventure qui, parce qu'elle s'est déroulée en territoire disputé, était pleine de remarques géopolitiques et de défis diplomatiques. Récemment, l'historiographie a commencé à évaluer sa signification pour l'histoire territoriale de la région.

ÍNDICE

Keywords: Rafael Reyes, Putumayo, Içá, cinchona, geopolitics, cartography, diplomacy, Amazon

Índice cronológico: 1874-1884

Palabras claves: Rafael Reyes, Putumayo, Içá, quina, geopolítica, cartografía, diplomacia, Amazonia

Palavras-chave: Rafael Reyes, Putumayo, Içá, quina, geopolítica, cartografia, diplomacia, Amazônia

Mots-clés: Rafael Reyes, Putumayo, Içá, quinquina, géopolitique, cartographie, diplomatie, Amazonie

Índice geográfico: Amazônia, rio Putumayo ou Içá

AUTOR

DAVID ALEJANDRO RAMÍREZ PALACIOS

Pesquisador Pós-doutoral – PPHIST-UFPA – Bolsa Capes-PNPD

daramirezp@ufpa.br